

Hortifruti Brasil

EDIÇÃO COMEMORATIVA 10 ANOS
Ano 10 - Nº 111 - Abril de 2012 - ISSN 1981-1837

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.copea.esalq.usp.br/h/brasil

10 ANOS

Hortifruti Brasil
2002 - 2012

10 anos da Hortifruti Brasil

A edição é do leitor

Equation® previne. Você produz com qualidade.



Equation® é marca registrada da DuPont de Nemours and Company, LLC. Todos os direitos reservados. © 2012, DuPont, O Dual DuPont e DuPont são marcas registradas da E.I. DuPont de Nemours and Company ou suas afiliadas.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO, VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.

Produto de uso agrícola.
Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produto.

Para maiores informações, acesse:

TeleDuPont **Agrícola**
0800 707 55 17
www.dupontagricola.com.br

DuPont[™] Equation[®] fungicida



Os milagres da ciência

DEZ ANOS SEMEANDO, CULTIVANDO E FRUTIFICANDO INFORMAÇÃO



Professor Evaristo Marzabal Neves, da Esalq/USP.

*“Se não houver frutos,
Valeu a beleza das flores.
Se não houver flores,
Valeu a sombra das folhas.
Se não houver folhas,
Valeu a intenção da semente.”*
(Henfil)

Corria o ano de 2002. Presenciei o lançamento ao solo da semente (Es-

pécie Informação, variedade Hortifruti). Vi romper o solo e brotar; acompanhei seu crescimento e senti as primeiras sombras de suas folhas, a beleza inicial de suas flores e, finalmente, o aroma, o vicejar e a boa conformação de seus frutos. Sempre evoluindo, tornando-se uma revista árvore referenciada no ambiente hortifrutícola acadêmico e no mundo dos mercados e negócios.

Neste ano, a revista **Hortifruti Brasil** vira a folhinha de um para dois dígitos de existência profícua e exitosa, uma equipe brilhante tão bem liderada pela pesquisadora e editora científica Margarete Boteon que consegue alcançar numa revista sua meta principal de reduzir (se possível a zero) os custos da informação e comunicação do ambiente hortifrutícola. De fácil e compreensível leitura, a informação gerada é compartilhada pelos agentes econô-

micos da cadeia hortifrutícola começando com o produtor, passando pela agroindústria e chegando ao consumidor, funciona como uma via de mão dupla, num vai e vem de informação e comunicação elaboradas com transparência, credibilidade e atualizada.

É impressionante a penetração da publicação nos meios acadêmicos, servindo de base de dados para complementar com informações de preços e mercados aulas em disciplinas das áreas biológicas e econômicas. Agora corre 2012. Dez anos são passados desde o plantio da semente variedade Hortifruti. E revisitando o passado, com uma análise precisa dos 10 anos da revista, não encontro outras palavras do que dizer: Valeu! Alcançou, com sobras, sua meta de redução dos custos da informação e comunicação no mundo hortifrutícola.

HORTIFRUTI BRASIL: DEZ ANOS DE INFORMAÇÕES E ANÁLISES PARA A TOMADA DE DECISÕES

O Cepea acredita no potencial da universidade de catalisar cientistas, estudantes, produtores e profissionais das indústrias relacionadas ao agronegócio num mesmo fórum direcionado ao desenvolvimento que seja sustentável em termos econômico e ambiental. E neste contexto, dez anos atrás, lançou-se ao desafio de criar um veículo de comunicação – a **Hortifruti Brasil** – focado no universo dos negócios do produtor do setor hortifrutícola. Essa publicação ajudou a amenizar a preocupante lacuna que havia quando se buscavam dados e análises econômicas sobre frutas e hortaliças no Brasil.

A **Hortifruti Brasil** é fruto da conjugação de três forças. Uma delas tem sido o apoio de patrocinadores vinculados ao setor, que identificaram o veículo como capaz de atingir o amplo universo de produtores e outros agentes

das cadeias produtivas hortifrutícolas dinâmicas e inovadoras.

Outra tem sido o empenho de uma equipe altamente qualificada que alia a produção da revista à formação de novos profissionais para o setor. O projeto **Hortifruti Brasil** tem sido parte integrante do processo educacional de número significativo de alunos da ESALQ/USP e de outras faculdades, inclusive com participação marcante em simpósios e congressos científicos, além de realizar estudos demandados por empresas privadas nacionais/internacionais e agências de fomento a pesquisa.

A força mais importante tem sido, porém, os leitores da revista, que, desde o princípio, mostraram-se ávidos pelas informações, análises e debates que ela veicula. Isso demonstrou que o Cepea acertou quando detectou uma lacuna na divulgação desse tipo de conteúdo.



Prof. Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros é coordenador geral do Cepea/Esalq-USP.

Enfim, o Cepea comemora os dez anos de **Hortifruti Brasil**, pois seu sucesso é a medida do dever cumprido. Agradece aos leitores e patrocinadores, ao mesmo tempo em que se compromete com a continuidade do processo de produção de uma revista que cada vez mais corresponda às necessidades e anseios da comunidade hortifrutícola.



O Brasil está em festa!

A Sakata sempre trabalhou com paixão, investindo em pesquisa e aprimoramento genético para oferecer as melhores sementes ao produtor e o melhor alimento ao consumidor. A Sakata comemora 100 anos, um acontecimento digno de ser celebrado e compartilhado com todos aqueles que fazem parte desta história. Por isso, o Brasil também comemora. Afinal, além do produtor e do campo, a Sakata conquistou um lugar especial na mesa e no coração das famílias brasileiras.



SAKATA®

OPINIÃO



Agricultura Familiar

Achei muito oportuna a matéria sobre agricultura familiar. Acho muito restrita essa limitação do agricultor em ter no máximo dois funcionários fixos, já que a agricultura exige uma grande quantidade de mão de obra. Linhas de crédito especial seriam importantes para este agricultor, assim como melhor ajuste e inserção desses agricultores familiares nas operações nas centrais regionais de abastecimento (ceasas).

Paulo Martin Hernandez – São José do Rio Preto/SP

Essa publicação não pode mais faltar ao produtor. Achei a matéria muito educativa. O produtor precisa se desvincular da cultura de que só se produz com Pronaf. Financiamento tem que ser usado para as atividades iniciais. Se o produtor não conseguir gerar capital para se financiar é porque tem algo de errado com o gerencia-

(continua na página 8)













ÍNDICE

CAPA **10**



Nesta edição comemorativa, o leitor tem grande participação. Leia na Matéria de Capa as perguntas dos leitores sobre os 12 produtos respondidas pelos analistas da Hortifruti Brasil.

SEÇÕES

TOMATE		24
FOLHOSAS		26
CEBOLA		27
BATATA		28
CENOURA		30
MELÃO		31
CITROS		32
BANANA		33
MAÇÃ		34
MAMÃO		36
UVA		37
MANGA		38

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:
Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros

Editora Científica:
Margarete Boteon

Editores Econômicos:
João Paulo Bernardes Deleo, Larissa Pagliuca e Mayra Monteiro Viana

Editora Executiva:
Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira:
Margarete Boteon

Jornalista Responsável:
Ana Paula da Silva MTb: 27.368

Revisão:
Alessandra da Paz, Daiana Braga e Flávia Gutierrez

Equipe Técnica:
Aline Fernanda Soares, Caroline Ochiuse Lorenzi, Diogo de Souza Ferreira, Ednaldo Borgato, Fabrício Quinalia Zagati, Guilherme Ramalho dos Santos, Helena Galeskas, Isabella Lourencini, Karina Yukie Shinoda, Letícia Julião, Marcella Benetti Ventura, Mayra Monteiro Viana, Margarete Boteon, Renata Pozelli Sábio, Rodrigo Moreira Ramos e Rodrigo Nardini.

Apoio:
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
ênfase - assessoria & comunicação
19 3524-7820

Impressão:
www.graficamundo.com.br

Contato:
Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000
Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808 - Fax: 19 3429-8829
hfbrasil@esalq.usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.



HORTIFRUTI BRASIL NA INTERNET

Acesse a versão on-line da Hortifruti Brasil no site: www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

Entre também no blog e no twitter:

www.hortifrutibrasil.blogspot.com

www.twitter.com/hfbrasil

Mais larvas-alfinete fora da plantaço.

- Novo inseticida para a cultura da batata
- Protege a plantaço em momento crítico
- Duas épocas de aplicaço: plantio e amontoa

CAPTURE 400 EC. ATRAI BONS RESULTADOS.




CAPTURE
400 EC



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



fmcagricola.com.br

FMC

Fazendo Mais pelo Campo

mento da propriedade. Produzir em grupo para formar venda conjunta é uma alternativa viável à agricultura familiar.

Donizete A. Santos – Xambrê/PR

Boa matéria e concordo com os argumentos propostos. Mas não concordo quanto ao número de apenas dois funcionários fixos considerado pela DAP. Para que o pequeno produtor tenha mais espaço no mercado, são necessários: a profissionalização do setor, dando apoio a quem quer trabalhar, a melhora da assistência técnica e a diminuição da burocracia no acesso ao crédito.

Carlos Antonio Távora Araújo – Tangará da Serra/MT

Estou de acordo com a matéria. Ela mostra que nosso País tem um grande potencial na agricultura, basta o governo enxergar isso. Porém, nós agricultores também devemos fazer a nossa parte, que seria ter um técnico engenheiro agrônomo. O fato de o agricultor poder ter até dois funcionários fixos é um limitante, pois a agricultura não é só plantar ou colher, tem uma série de atividades no campo. Uma alternativa seria pequenos agricultores se organizarem mais, por meio de cooperativas, por exemplo.

Simplicio Lyra – Goianinha/RN

O governo tenta impor critérios para aumentar a produção da agricultura familiar, mas acho vaga esta tentativa. As decisões são eleitoreiras e não técnicas; o campo não é ouvido. Acho importante capacitar técnicos e agrônomos, para que estes orientem produtores. O preço mínimo também precisa ser um bom instrumento para a agricultura familiar não perecer. Somos muito competitivos no campo, mas precisamos de mais instrumentos de apoio.

Thamaturgo Trajano – Sinop/MT

Espectacular a matéria! Pena que aqui no Nordeste não exista um apoio dos órgãos competentes no tocante à assistência técnica e apoio de crédito de forma constante para os que fazem agricultura familiar. Acho necessária a criação de linhas de crédito mais amplas, a assistência técnica, a capacitação e a elaboração de projetos cooperativos para o pequeno agricultor ter força de comercialização e, assim, participar melhor no mercado de hortifrutícolas.

Edilson Melo – São Bento do Una/PE

Achei uma abordagem correta e providencial o tema agricultura familiar. O setor hortifrutícola tem perfil diferenciado do de outras culturas, como soja, milho, café, cana, arroz, etc. Considero que as políticas de crédito existentes hoje não atendem às necessidades do produtor de HF, sempre marginalizado devido ao tamanho de sua propriedade. Acho que as normas para a agricultura familiar precisam ser revistas,

como fortalecer o setor com a criação de associações que defendam os interesses do setor produtivo, criação de fundações ou entidades que promovam a disseminação de tecnologia agrícola para os cultivos de frutas e hortaliças, sendo que essas mesmas fundações/entidades devem promover o desenvolvimento de habilidades de gestão dos pequenos produtores, capacitando-os para atuar em um mercado tão competitivo como o de HF.

Leo Togashi – São Paulo/SP

Tenho contato com pequenos agricultores, e muitos deles não têm acesso ao crédito e vivem de produzir menos. Não é fácil equipará-los à realidade do Pronaf. Neste tipo de produção, é necessária a utilização de mão de obra e ela não pode ser um fator limitante. Para nós, no campo, gerar emprego vira um entrave. O agricultor familiar pode avançar nos mercados públicos, como merenda escolar e nos programas de aquisição de alimentos.

João Savedra – Sumaré/SP

Uma alternativa “fácil” para o pequeno produtor ter mais participação no mercado é a união de produtores para criação de cooperativas familiares ou associações. Assim, pode diminuir a movimentação de atravessadores e aumentar os lucros dos pequenos hortifruticultores, facilitando as negociações com empresas de grande porte nacional e até mesmo internacional. A união faz a força!

Rosemberg Trajano – Guaraciaba do Norte/CE

Esse assunto é extremamente importante por mostrar o valor da agricultura familiar para o desenvolvimento do Brasil. O trabalho em sistema de cooperativismo, eliminando a ação de atravessadores, facilita a venda de seus produtos diretamente aos mercados. Poderia haver mais incentivos para os agricultores que ainda não terminaram seus estudos, facilitando sua inclusão nas escolas públicas.

Benedito do Carmo Borba – Senador Amaral/MG

Realmente, a melhor maneira de manter o pequeno agricultor no campo é dando condições de competitividade, por meio de acesso aos créditos governamentais, assistência técnica e de divulgação dos seus produtos. Acredito que as políticas de acesso aos créditos governamentais deveriam ser mais flexíveis e os agentes públicos é que deveriam ter autonomia, para, após vistoria dos imóveis rurais, definirem se o agricultor deve ter acesso ao crédito ou não.

Antonio José Bergamaschi Franceschina – Canoas/RS

Para que o produtor familiar tenha mais participação no mercado, uma das alternativas é estar cooperado e/ou associado.

Divo Gemini – Curitiba/PR

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)

ou para: hfbrazil@esalq.usp.br

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

Alfaces Resistentes ao Míldio



Lenita



Jéssica



Greise



Flora

A Eagle traz em seu portfólio quatro variedades de alfaces americanas com resistência a míldio.

O míldio é um dos principais problemas na cultura da alface no período de inverno em nosso país, por isso trazemos quatro variedades com peso e uniformidade excelente para disponibilizar o melhor material de norte a sul do Brasil, garantindo, assim, um produto final rentável e de ótima qualidade ao produtor.



www.eaglesementes.com.br



Qualidade em genética

Av. Nicomedes Alves do Santos, 475
Uberlândia - MG - Tel: 55-34-3217-3110

10 Anos da Hortifruti

A publicação é referência aos negócios na hortifruticultura

A **Hortifruti Brasil** completa 10 anos em 2012. Na primeira edição de maio de 2002, o Cepea lançou-se ao desafio de formatar, mais que uma publicação acadêmica, um veículo de comunicação que auxiliasse o produtor hortifrutícola na tomada de decisões em seus negócios. Passados 10 anos, temos conseguido vencer este desafio, tornando a publicação uma referência para os negócios dos agentes envolvidos na

comunidade hortifrutícola.

Os resultados foram excepcionais graças ao empenho da equipe interna de analistas de mercado da **Hortifruti Brasil**, sempre contando com o apoio de outros grupos também do Cepea, em especial a Comunicação, que é composta pelas jornalistas Dra. Ana Paula Silva Ponchio, Alessandra da Paz e Flávia Gutierrez.

É TEMPO DE VIRARMOS A PÁGINA!

IMPROCROP
uma empresa

A Improcrop muda de nome, sem perder a qualidade e a segurança que você conhece.

A Hortifruti Brasil em números

Em todos esses anos, já produzimos 111 edições, escrevemos 1.948 páginas de conteúdo e distribuimos cerca de 900 mil exemplares. Nesse período, somamos experiências por meio da interatividade com a maior comunidade hortifrutícola da internet, que hoje conta com 7,5 mil participantes.

Desde a primeira edição, a família **Hortifruti Brasil** contou com 90 analistas, acompanhando o mercado dos 12 produtos (a história de cada fruta e hortaliça você confere nas páginas a seguir). Nas 111 edições da revista, 199 formadores de opinião do setor hortifrutícola concederam entrevistas na seção *Fórum* da revista.

Temos muito que comemorar o sucesso alcançado pela **Hortifruti Brasil** nestes 10 anos e também agradecer aos nossos leitores e patrocinadores, que sempre apoiaram nosso trabalho. E, para brindar este aniversário, convidamos nossos

leitores a nos enviar questões ainda não respondidas e/ou sobre temas que não foram abordados pela **Hortifruti Brasil**.

As perguntas selecionadas você confere nas próximas páginas desta edição e envolvem discussões acerca do mercado de cada produto analisado na revista. Recebemos, também, questões referentes ao mercado de hortifrutis de modo geral, como comercialização, consumidor e certificação.

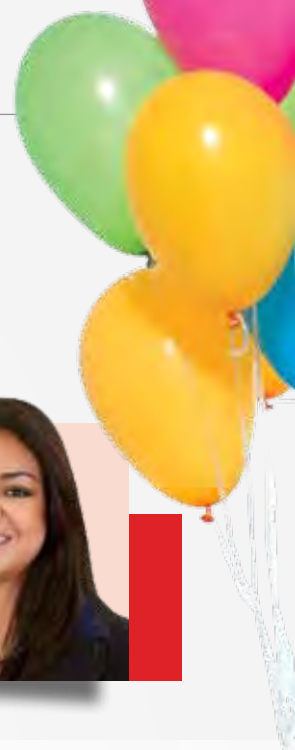
Para responder tais perguntas, os analistas de mercado da **Hortifruti Brasil** contaram com a colaboração de produtores, professores e profissionais do setor hortifrutícola e, dessa forma, elaboraram uma análise como resposta para cada pergunta. Assim, essas pequenas análises podem esclarecer dúvidas não só de leitores que participaram desta edição, mas, também auxiliar todos os demais agentes de mercado em seus negócios.

Brasil

A edição feita pelo leitor

A Hortifruti Brasil responde as dúvidas dos leitores sobre o mercado de hortifrutícolas

Daiana Braga (esq.) e Isabella Lourencini são as organizadoras da matéria de capa desta edição. Daiana Braga é jornalista e editora executiva da revista Hortifruti Brasil desde 2008. Ao todo, cinco estudantes de jornalismo já passaram pela revista. Atualmente, além de Daiana, a Hortifruti Brasil conta com o apoio de mais três jornalistas da Equipe de Comunicação do Cepea. Isabella Lourencini é estudante de Ciências Econômicas, da Esalq/USP, e analista do mercado de uva.



Alltech[®]

CROP SCIENCE

Uma marca nova que já nasce com tradição, pois agora trazemos o know-how de uma empresa com mais de 30 anos reconhecida globalmente. Toda qualidade do grupo Alltech agora no nome da Improcrop.

90 ANALISTAS JÁ PASSARAM PELA HORTIFRUTI BRASIL

Nestes 10 anos da publicação, 90 analistas de mercado contribuíram para escrever a história dos principais frutos e hortaliças. A Hortifruti Brasil faz questão de destacar o nome de cada profissional que fez parte da equipe: Adriana Carla Passoni, Aline Barrozo Ferro, Aline Fernanda Soares, Aline Mariana Rodrigues, Aline Vitti, Alvaro Legnaro, Ana Júlia Vidal, Ana Luísa Ferreira de Melo, Bianca Cavichioli, Bruna Boaretto Rodrigues, Caio Gorino, Camila Pires Pirillo, Carlos Alexandre Almeida, Carolina Dalla Costa, Caroline Ochiuse Lorenzi, Cintia Antoniali Vicentini, Daiana Braga, Daniel Horishi Nakano, Diogo de Souza Ferreira, Ednaldo Alexandre Borgato, Eveline Zerio, Fabrícia Basílio Resende, Fabrício Quinaglia Zagati, Fernanda Geraldini Gomes, Fernanda R. G. Pinto, Fernando Peres Capello, Flávio Bombonatti, Francine Pupin, Gabriela Carvalho da Silva Mello, Graziela Braga, Guilherme Ramalho dos Santos, Gustavo L. Vieira, Helena Galeskas, Ilonka M. Eijsink, Isabella Lourencini, Isis Nogueira Sardella, Jefferson Luis de Carvalho, Jennifer Suarez Campoli, João Paulo Bernardes Deleo, José Dias C. V. de Lima, Joseana Arantes Pereira, Juliana Custódio Silveira, Juliana Haddad Tognon, Karina Yukie Shinoda, Keila Inoue, Larissa Gui Pagliuca, Leticia Julião, Lilian Cabral Missura, Luana Kellen Manarim, Luciana Okasaki, Maira Paes Lacerda, Manuela Silva Silveira, Marcel Moreira Pinto, Marcella Benetti Ventura, Marcella Moreira Menten, Marcelo Costa Marques Neves, Margarete Boteon, Margarita Mello, Maria Luiza Nachreiner, Marina Isac Macedo, Marina L. Matthiesen, Matheus Holtz Barros, Mauro Osaki, Mayra Monteiro Viana, Mônica Georgino, Natalia Dalocca Berno, Natália Salaro Grigol, Rachel Armani de Paiva, Rafael Augusto Tapetti, Rafaela Cristina da Silva, Rebeca Bueno Correa, Renata Cintra, Renata Elise Gaioto Sebastiani, Renata Lacombe, Renata Pozelli Sabio, Renata R. P. dos Santos, René Voltani Broggio, Richard Truppel, Rodrigo E. Martini, Rodrigo Moreira Ramos, Rodrigo Nardini, Tatiana Vasconcellos Biojone, Thais Massoti Menegazzi, Thais Queiroz da C. Mello, Thiago Luiz Siqueira Barros, Thiara Venancio, Ticyana Carone Banzato, Vanessa Cristina Carom e Yuri Uchoa Rodrigues.

QUAL A PORCENTAGEM DA ÁREA DE BATATA NACIONAL DESTINADA AO MERCADO IN NATURA E À INDÚSTRIA?

Alexandre Fais, leitor há 3 anos – São Francisco de Paula/RS

Segundo estimativas do Hortifruti/Cepea, dos 104,25 mil hectares cultivados em 2011 nos principais polos produtores de batata, 78% da área se refere a cultivares próprias para o consumo *in natura*, 9% a cultivares para o processamento e, o restante, a tubérculos que serão utilizados como sementes para o plantio da cultura. Uma parcela da produção destinada ao mercado fresco também é utilizada por pequenas agroindústrias processadoras para produzir a batata frita nos formatos palha, chips e lisa. A maior parte das pequenas agroindústrias não possui relação formal com os fornecedores de batata *in natura*, enquanto as grandes unidades formalizam sua necessidade por meio de contrato com médios e gran-

des produtores. Estima-se que, em 2011, as duas maiores agroindústrias de batata no Brasil (Bem Brasil e Elma Chips) processaram cerca de 260 mil toneladas do tubérculo *in natura*, o equivalente a 95 mil toneladas de batata processada (a cada quatro quilos de batata *in natura* é possível produzir um quilo de chips e, a cada dois quilos de *in natura*, um quilo de batata pré-frita). Esse volume processado, no entanto, é inferior à demanda nacional. Assim, a demanda brasileira acaba sendo suprida principalmente pela batata pré-frita congelada importada. Em 2011, foram adquiridas no mercado externo cerca de 232 mil toneladas de batata já processada, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex).

QUAL CULTURA É A MAIS ESTÁVEL ECONOMICAMENTE: CENOURA, BATATA OU CEBOLA?

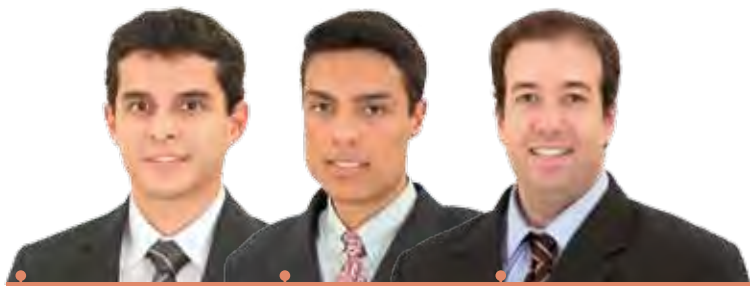
Orlando Kanayama, leitor há 3 anos – São Gotardo/MG

Produtores de cenoura, de batata e de cebola consultados diariamente pela equipe **Hortifruti Brasil** indicaram que, entre estas três culturas, a cenoura é a que apresenta a menor volatilidade nos preços. A resposta de colaboradores confirma resultados de análises elaboradas pelo Cepea. Por oscilar menos, produtores indicam que a cenoura acaba não tendo margens de lucros muito elevadas, como o que pode ser obtido em alguns momentos de elevada cotação na batata e na cebola. A menor oscila-

ção nos valores da cenoura, por sua vez, está atrelada ao fato de a cultura seguir um calendário de plantio e, com isso, a colheita é mais escalonada – as principais regiões produtoras cultivam a raiz todos os meses. O cultivo escalonado permite que o produtor amplie ou reduza o ritmo de plantio de acordo com as perspectivas de rentabilidade. Considerando-se uma média geral dos últimos quatro anos (o acompanhamento de preços de cenoura iniciou-se em 2008), as três culturas registram renda po-

Cebola é um dos produtos mais antigos e, cenoura, um dos mais recentes

As pesquisas de cebola foram iniciadas em 2000, sendo este o segundo produto acompanhado pela Hortifruti Brasil (o primeiro foi a laranja). Rodrigo Ramos é o atual analista do mercado de cebola. Ao todo, 10 analistas já avaliaram o mercado de cebola desde a primeira edição da Hortifruti Brasil. Além de acompanhar as principais regiões produtoras, o projeto analisa também o produto importado, especialmente o vindo da Argentina. Já as pesquisas de cenoura iniciaram-se em abril de 2008 e, desde então, quatro analistas já participaram do projeto. Diogo de Souza Ferreira é o atual analista deste mercado. Tanto cebola quanto cenoura já foram foco de estudo de custos de produção, com os resultados divulgados no Especial Hortaliças (edição nº 102, junho de 2011).



Diogo de Souza Ferreira
é da Equipe Cenoura.

Rodrigo Ramos é
da Equipe Cebola.

João Paulo Bernardes Deleo
é editor econômico.

COMO A INDÚSTRIA NACIONAL CONSEGUE SOBREVIVER FRENTE À CONCORRÊNCIA COM A BATATA PRÉ-FRITA IMPORTADA?

Natalino Shimoyama, leitor desde a edição nº 1 – Itapetininga/SP

Cálculos do Cepea, com base em dados de uma processadora brasileira e da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), indicam que, em 2011, cerca de 75% do volume de batata pré-frita negociada no Brasil foi importado. Do total adquirido no mercado externo, 55% foram provenientes da Argentina e, 45%, da Europa. Segundo o Serviço de Agricultura Estrangeira, do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), o Brasil é o terceiro maior importador de batata congelada, atrás apenas dos Estados Unidos e do Japão. O forte crescimento da demanda brasileira pelo produto, favorecido pelo aumento da renda, pelo Real valorizado e pelo enfraquecimento da economia europeia impulsionaram as importações de batata pré-frita congelada em 2011. Mesmo com o avanço da indústria nacional do tubérculo, os custos de processamento da batata no Brasil são elevados em comparação ao mercado externo, tornando o produto nacional menos competitivo.

Em 2011, segundo a Secex, importadores brasileiros pagaram, em média, US\$ 0,93/quilo da batata pré-frita congelada ou R\$ 1,56/kg (o câmbio teve média de R\$ 1,67/US\$ no ano passado - preço FOB, excluindo os custos logísticos até o Brasil). No Brasil, indústrias pagam em torno de R\$ 1,20/kg somente pela matéria-prima, sem levar em conta os custos de investimento, de processamento, logística e promoção do produto no varejo. Mesmo com a menor competitividade frente ao produto importado, 25% do total de pré-frita congelada consumida no Brasil refere-se à produção nacional. Uma das explicações é que a indústria brasileira é uma fornecedora estratégica para os compradores de batata pré-frita, amenizando o risco de se depender exclusivamente do fornecimento do produto importado. Diante disso, redução dos custos e aumento de escala são vitais para a indústria nacional melhorar a competitividade frente ao produto importado.

Análises de mercado e custo de produção

A batata foi o terceiro produto acompanhado pela equipe de Hortifruti Brasil. A coleta de informações foi iniciada em outubro de 2000, ou seja, 20 meses antes do lançamento da revista. Além dos estudos de mercado, a Equipe Batata foi a primeira a aplicar os conceitos de Gestão Sustentável desenvolvidos pelo Cepea, por meio de levantamento de custos de produção da cultura e de análises dos riscos de rentabilidade. Todos os dias, os analistas Rodrigo Nardini, Helena Galeskas e Marcella Ventura conversam com produtores de batata de todo o Brasil. A equipe é supervisionada pelo pesquisador João Paulo Deleo. Desde o início da revista, a Equipe de Batata já teve 19 integrantes.



Rodrigo Nardini, Helena Galeskas e Marcella Ventura são da Equipe Batata.

sitiva (períodos ruins de preços são seguidos de preços mais elevados). É preciso ressaltar que o melhor resultado vai depender de cada produtor, especialmente do modo de manejo da cultura e da comercialização, bem como a maneira que o agricultor gerencia o seu risco de preços. Se o produtor não gerir bem o seu fluxo de caixa e/ou

não criar um mecanismo de provisionamento (poupança) para enfrentar períodos de baixos preços, ele não conseguirá se capitalizar nos momentos de elevação nos preços. Assim, a estabilidade econômica também está muito correlacionada à forma de gestão e de condução de cada produtor destas culturas.

POR QUE OS PREÇOS DO TOMATE OSCILAM TANTO, ESPECIALMENTE PARA BAIXO, SE A PRODUTIVIDADE É CADA VEZ MENOR? QUAL É A PREVISÃO PARA 2012?

Cemir Anderson Rocon, leitor há 3 anos – Santa Teresal/ES

A produtividade em algumas localidades, como em Venda Nova do Imigrante (ES), pode ter reduzido por conta da presença do fungo *fusarium sp* nos solos da região. Este problema geralmente é controlado por meio do uso de variedades resistentes e de rotação da cultura. A disponibilidade de terra “nova” para arrendamento, contudo, é baixa. Assim, no geral, tanto a área quanto o potencial produtivo reduziram nos últimos anos na região capixaba. Já se considerada a média nacional, a produtividade do tomate tem crescido a cada ano. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produtividade média nacional do tomate era de 58 t/ha em 2002 e passou

para 63 t/ha em 2012. Quanto às oscilações nos preços do tomate, tomando-se como base a série histórica do Cepea, nota-se que a volatilidade é elevada, mas não há uma tendência clara que evidencie que as quedas nos valores ocorrem de forma mais intensa que as altas. Em relação às perspectivas para 2012, a expectativa é de que a área de tomate envarado plantada na safra de inverno nacional aumente 7,6% em relação à de 2011, totalizando 63,85 milhões de pés. A maior área pode fazer com que as cotações do fruto para o inverno não atinjam os elevados patamares alcançados em 2011. Também não é esperada desvalorização tão acentuada quanto à observada em 2010.

DA ROÇA AO CONSUMIDOR, A ALFACE ACABA MURCHANDO. O QUE FAZER?

Arido José Hamerschmidt, leitor há 2 anos – Lapa/PR

Ao ser retirada do solo, a alface mantém suas funções de transpiração e respiração. No entanto, como não há mais a reposição de água por meio da terra, as folhas tendem a murchar. Um procedimento de pós-colheita indicado para evitar que as folhosas percam umidade e murchem é, logo após a colheita, colocá-las em contato com água fria para retirar o chamado “calor de campo”. Dessa forma, é possível manter a transpiração mais lenta, aumentando a durabilidade da alface. É importante ressaltar que, antes de embalar o produto, é necessário retirar o excesso de água das folhas com um ventilador, para evitar

a “mela”, que também diminui a vida de prateleira. Além disso, para amenizar o estresse das folhosas e aumentar a sua durabilidade, recomenda-se que a entrega seja feita no mesmo dia da colheita e que esse intervalo entre colheita e transporte seja o menor possível. É aconselhável, ainda, que na *packing house* as condições de temperatura e umidade sejam controladas para propiciar a manutenção do frescor. Já no ponto de venda, grandes redes de supermercado têm implantado sistemas de umidificação das folhosas para garantir que o produto chegue ainda fresco para o consumidor.

Agradecemos ao Prof. Dr. Keigo Minami, da Esalq/USP, e o Grupo Pão de Açúcar, que ajudaram na elaboração desta resposta.



Renata Pozelli Sábio
é da Equipe Hortifruti.

Marcella Ventura é das
Equipes Folhosas e Tomate.

Helena Galeskas é das
Equipes Folhosas e Tomate.

Fabrcio Zagatti
é da Equipe Tomate.

Folhosas é o caçula e tomate tem a maior audiência na internet

Folhosas é o mais recente produto acompanhado pela Hortifruti Brasil: começou em dezembro de 2011 e a atual e primeira equipe é liderada pela Renata Pozelli Sabio e pelas analistas de mercado Helena Galeskas e Marcella Ventura (estas últimas também acompanham os mercados de batata e tomate). As alfaces analisadas são a cressa, lisa e americana, negociadas no estado de São Paulo. O objetivo é que mais variedades de folhosas e também outras regiões produtoras comecem a ser estudadas futuramente. Quanto ao Projeto Tomate, nasceu há 11 anos e é o produto de maior audiência na comunidade eletrônica, com 3.705 mil pessoas cadastradas. Junto com batata e citros, o levantamento de preços de tomate é diário. É o projeto que teve mais integrantes desde o início: 21 analistas. Fabrcio Zagatti, Helena Galeskas e Marcella Ventura são os integrantes da Equipe de Tomate, supervisionados pela pesquisadora Larissa Gui Pagliuca.

COMO FOI A REMUNERAÇÃO DO CITRICULTOR NOS ÚLTIMOS 10 ANOS? O PREÇO DE VENDA À INDÚSTRIA ACOMPANHOU AS VARIAÇÕES DO VALOR DO SUCO DE LARANJA NO MERCADO EXTERNO?

Mauro Sandoval, leitor desde a edição nº 1 – Limeira/SP

Renato Queiroz, leitor há 9 anos – Bebedouro/SP

Nestes últimos 10 anos, segundo levantamentos do Cepea, o valor considerado como ideal por citricultores para fechar contratos com a indústria aumentou, influenciado pela elevação dos custos fitossanitários e da mão de obra, além da valorização do Real. Em 2001, por exemplo, o citricultor considerava como adequado para fechar contratos com as processadoras em torno de US\$ 3,00/cx de 40,8 kg (posta na indústria). Em 2005 e 2006, esse valor passou para US\$ 5,00/cx e, nos últimos dois anos, saltou para entre US\$ 7,00 e 8,00/cx. Se convertido em moeda nacional, já descontando a inflação, os dados de

2001, 2005 e 2006 equivaleriam a R\$ 12,00/cx, enquanto os dos últimos dois anos ficariam próximos a R\$ 14,00/cx. Considerando-se os valores indicados por produtores e os preços da fruta (spot e contrato), nos últimos 10 anos, os momentos mais favoráveis ao produtor foram 2006, 2007 e 2010, enquanto os mais difíceis, em 2003, 2004 e 2009. Quanto ao mercado externo, o valor recebido pelo citricultor brasileiro (considerando-se uma média da safra) acompanhou, no geral, o movimento observado nos preços internacionais de suco de laranja, com diferenças na intensidade do repasse de tais tendências.

QUAL A PERSPECTIVA PARA A PRÓXIMA SAFRA PAULISTA, LEVANDO-SE EM CONTA O CENÁRIO ECONÔMICO MUNDIAL E OS ESTOQUES BRASILEIROS DE SUCO?

Francisco Fernandes Jr., leitor há 2 anos – Casa Branca/SP

José Roberto Salvadego, leitor há 2 anos – Urupês/SP

Para a temporada de laranja paulista 2012/13, agentes do setor aguardam uma produção inferior à observada na safra 2011/12, apesar da ausência, por enquanto, de dados oficiais. O volume esperado para a próxima safra somado aos estoques de passagem da temporada atual podem superar a demanda externa pelo suco. A oferta de suco mais elevada, por sua vez, po-

de diminuir a demanda de processadoras por matéria-prima e, por consequência, limitar a valorização da laranja. A atual instabilidade na economia europeia e as recentes barreiras impostas pelos Estados Unidos para a importação de suco (por conta do *carbendazim*) devem continuar prejudicando o desempenho das exportações brasileiras em 2012/13.

É POSSÍVEL COLHER LIMA ÁCIDA TAHITI EM OUTUBRO?

Natomi Kuahara, leitor há 1 ano - Marília/SP

Produtores têm procurado aumentar a oferta de tahiti no segundo semestre pelos preços mais elevados. Para isso, é fundamental realizar um manejo adequado, garantindo bom estado nutricional. Dentre as opções, a mais utilizada é a irrigação, que pode propiciar a abertu-

ra de floradas temporãs. Em regiões áridas e semi-áridas (norte de Minas e Bahia), produtores têm tido sucesso no controle hídrico. Já em São Paulo, as chuvas mais frequentes impedem longo período de estresse hídrico, limitando alteração do calendário de oferta.

Agradecemos ao Frauzo Ruiz Sanches pela ajuda na elaboração desta resposta.



Caroline Ochiuse Lorenzi é da Equipe Citros.

Projeto Citros já é maior de idade

O Projeto Citros é o mais antigo da Hortifruti Brasil. O levantamento de preços de laranja começou oito anos antes da revista. Em 1994, os preços da fruta para mercado e para indústria começaram a ser coletados, e as pesquisas foram incrementadas em 1995, com as demais variedades de cítricos. Ao todo, 10 analistas já estudaram o mercado de citros em seus 18 anos de existência. Caroline Ochiuse Lorenzi é hoje da Equipe de Citros, supervisionada pelas pesquisadoras Mayra Monteiro Viana e Margarete Boteon. A equipe, além de acompanhar o mercado de laranja *in natura* diariamente, também foca suas pesquisas no mercado internacional de suco desta fruta. Nos últimos anos, as pesquisas de custo de produção de laranja têm sido publicadas em todas as edições de maio, com o auxílio da pesquisadora Larissa Gui Pagliuca.

HÁ SINAIS DE QUE O BRASILEIRO TEM AUMENTADO O CONSUMO DE UVAS SEM-SEMENTES?

Jaílson Candido, leitor há 3 anos - Recife/PE

Esse tipo de uva vem ganhando espaço no mercado brasileiro nos últimos anos. Entre 2007 e 2011, por exemplo, a comercialização da *crimson* (uma das variedades sem-semente) na Ceagesp aumentou 341%. Com esse forte crescimento, as uvas sem semente apresentam uma parcela representativa no mercado nacional. Considerando-se todos os tipos de uva (rústica, fina com sementes e sem-semente) comercializados na Ceagesp em 2011, as variedades sem-sementes (nacionais e também importadas) representaram 44%. A oferta de uva sem-

semente tem aumentado no mercado interno, diante do cenário externo menos favorável à exportação e também do crescimento das classes A e B, público-alvo desse tipo de uva. No curto prazo, não há sinais de fortalecimento da economia da Europa, reforçando que boa parte das variedades sem-sementes pode continuar sendo destinada ao mercado nacional. E, nos próximos anos, agentes acreditam que a demanda por este tipo de uva pode seguir crescente no Brasil, fundamentados no crescimento das classes A e B.

QUAIS SÃO AS PERSPECTIVAS PARA A NIAGARA EM DIFERENTES REGIÕES PRODUTORAS DO BRASIL?

Daniel Fernando Miqueletto, leitor há 5 anos - Louveira/SP

A área cultivada com uva niagara tem se expandido nos últimos anos em algumas praças de São Paulo e de Minas Gerais. A maior facilidade de manejo e o menor custo de produção da niagara têm feito com que produtores de Jales (SP), São Miguel Arcanjo (SP) e Pirapora (MG), principalmente, aumentem o cultivo desta variedade em detrimento das uvas finas. Além disso, outro fator que influenciou o aumento do cultivo nessas regiões foi o fato de a praça de Campinas (SP), a maior produtora da variedade

no Brasil, ter reduzido em 25% a área com niagara entre 2007 e 2011. No geral, apesar do aumento de área em algumas regiões, a oferta da niagara tem sido menor nos últimos anos e mais escalonada. Quanto à demanda, ainda há espaço para crescer, já que a fruta é apreciada pelo consumidor brasileiro, por conta da doçura e do preço mais acessível em relação ao das variedades sem-sementes. A expansão da classe média no País também pode elevar a demanda pela niagara.

NOS ÚLTIMOS ANOS, O VALE DO SÃO FRANCISCO TEM REDUZIDO MUITO OS ENVIOS DA UVA AO MERCADO EXTERNO. QUAL A EXPLICAÇÃO?

Cícero da Silva Nascimento, leitor há 3 anos - Santa Maria da Boa Vista/PE

As exportações de uva eram inexpressivas no início dos anos 2000. A primeira vez que os embarques de uva superaram 50 mil toneladas foi em 2005, quando houve forte investimento na produção de variedades sem-sementes no Vale do São Francisco. E, até 2008, os crescimentos nos embarques foram bastante acentuados, devido à expansão da área e à possibilidade de se ofertar a fruta em períodos de entressafra dos principais países concorrentes do Brasil (Chile e África do Sul).

Além disso, o câmbio também contribuía para a lucratividade dos exportadores. Já de 2009 em diante, os embarques foram limitados por quatro fatores principais: queda de área, problemas climáticos no Nordeste, Real mais valorizado frente ao dólar e economia mundial enfraquecida. Além disso, parte dos produtores redirecionou mais fruta para o mercado interno. De qualquer forma, mesmo nos últimos três anos, a uva seguiu entre as principais frutas exportadas pelo Brasil.



*Isabella Lourencini
é da Equipe Uva.*

Projeto Uva coleta preços da fruta vendida ao Brasil e ao exterior

A coleta de informação de uva foi iniciada em janeiro de 2001. Além do acompanhamento semanal do mercado doméstico, a Equipe Uva acompanha os preços recebidos por produtores brasileiros pela venda da fruta de mesa ao mercado externo. A equipe avalia a comercialização e o cenário dos demais concorrentes do Brasil, antecipando tendências aos exportadores da fruta. Os principais estados produtores contemplados na pesquisa são Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, envolvendo principalmente informações de mercado de uva de mesa. Isabella Lourencini é a nona analista do mercado desta fruta no Cepea.

QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR PRODUTORES NO ENVIO DE MELÃO AO MERCADO EXTERNO?

Luiz Roberto Barcelos, leitor há 7 anos – Fortaleza/CE

O melão é uma das frutas com melhor desempenho na pauta de exportação brasileira, devido à alta competitividade da fruta produzida no RN/CE. Mas, de fato, são muitas as dificuldades enfrentadas por produtores que desejam enviar melão ao mercado externo. O alto custo logístico é um dos principais. O deslocamento das frutas da *packing house* até o porto é feito por rodovias, de forma custosa e demorada. Quando os frutos chegam aos portos, o problema passa a ser a infraestrutura portuária, que não apresenta capacidade suficiente para atender ao movimento de cargas. O custo do transporte marítimo também é alto. Isso porque são relativamente poucas as companhias de navegação que atendem ao

Nordeste brasileiro e que têm como destino a América do Norte e a Europa. Somado a isso, há também tarifas alfandegárias para que a fruta entre nos países importadores. Outra dificuldade é a competição enfrentada no mercado internacional em algumas épocas do ano. Além disso, a taxa cambial também pode influenciar nos ganhos com exportação. Vale ressaltar, ainda, dificuldades em atender os pré-requisitos exigidos pelos compradores, que são as especificações e certificações exigidas – cada país pode requerer um selo e um documento específico. Por todos esses motivos, há uma tendência de forte concentração do número de exportadores de melão do RN/CE.

O QUE DETERMINA O VOLUME DE MAÇÃ QUE O BRASIL IMPORTA?

Clemir Gemo, leitor há 3 anos – Fraiburgo/SC

Entre os fatores que mais influenciam a entrada de maçã no Brasil estão o volume disponível no mercado doméstico e também a qualidade da safra nacional. Nos últimos meses do ano, por exemplo, quando o volume de maçã brasileira já é limitado, o País aumenta a compra da fruta no mercado externo. Se a temporada brasileira contar com muitas frutas de baixa qualidade, aumenta-se ainda mais o espaço para entrada de maçãs de outros países, como ocorreu na safra 2010/11. O Brasil também acaba recebendo frutas chilenas e argentinas que não seriam aceitas pela Europa e pelos Estados Unidos. A importação da Argentina, particularmente, é facilitada pelo fato de este país ser membro do Mercosul, o que reduz a burocracia. As taxas cambiais também seguem favoráveis às importadoras de frutas, com o Real valorizado frente

ao dólar e a relativa estabilidade do peso. Isso faz com que o cenário fique mais atrativo ao importador brasileiro, porque a fruta chega ao mercado a preços competitivos. Por fim, o aumento de renda da população brasileira nos últimos anos faz com que a procura por frutas, em geral, também aumente. Segundo dados da POF/IBGE, entre 2002 e 2008, o consumo de maçã, especificamente, passou de 1,68 kg/pessoa para 2,15 kg/pessoa. Da mesma forma, com o aumento de renda da população, a procura por produtos importados também tende a crescer. As frutas importadas chamam atenção pelo fato de muitos consumidores vincularem a origem estrangeira a uma possível maior qualidade, ainda que não necessariamente haja uma relação. No entanto, prevalece a preferência do consumidor pela maçã brasileira.



Guilherme Ramalho dos Santos faz parte das Equipes Melão e Maçã.

Pesquisas de melão concentram-se no Nordeste e as de maçã, no Sul

O levantamento de preços de melão começou em maio de 2001. O Nordeste é a principal região produtora de melão e, portanto, é onde se concentra boa parte do levantamento de preços. O Cepea também acompanha os valores no atacado de São Paulo. Além disso, a equipe entra em contato semanalmente com exportadores, levantando informações sobre os envios da fruta aos Estados Unidos e à Europa. Guilherme Ramalho dos Santos é o atual analista do melão – nove já passaram pela equipe. Já o Projeto Maçã é o terceiro mais novo da Hortifruti Brasil: iniciou-se em novembro de 2007. As análises de mercado de maçã envolvem o Sul do País, principal produtor da fruta. Além de estudar a cadeia de melão, Guilherme também acompanha semanalmente o mercado de maçã. Ao todo, seis analistas já fizeram parte do Projeto Maçã.

COMO ESTÁ O ATUAL CENÁRIO DA BANANA, LEVANDO-SE EM CONTA O AUMENTO DE NOVAS ÁREAS E A AMEAÇA DA IMPORTAÇÃO DE FRUTAS DA AMÉRICA CENTRAL?

Ervino Kogler, leitor há 5 anos – Bom Jesus da Lapa/BA

O aumento de área observado nos últimos anos é pouco representativo em relação ao total cultivado, o que acaba por não afetar significativamente os preços. Os plantios são realizados principalmente para a renovação dos pomares. De forma geral, há dificuldades na expansão da área no Brasil, uma vez que grande parte dos bananais encontra-se próxima a áreas de morros e várzeas, sujeita à proteção de legislações ambientais (Reserva Legal e Área de Preservação Permanente – APP). Além disso, os custos elevados e a falta de mão de obra são outros fatores que dificultam a implantação da cultura em novas áreas. Atualmente, o cenário da banana vem sendo de preços mais atrativos aos produtores, favorecendo investimentos para a obtenção de boa produtividade nas principais regiões produtoras. As cotações devem seguir em patamares atrativos ao longo deste ano, uma vez que

a oferta deve ser mais escalonada nas principais regiões produtoras. Nos últimos três anos, o setor obteve bons resultados em função de quebras de safra. Em 2009, houve inundações no Rio Grande do Norte e Ceará, o que refletiu em alta nos preços da fruta. Em 2010 e 2011, foi a vez do Vale do Ribeira (SP) sofrer com enchentes, que alavancaram as cotações da banana no mercado nacional. Com relação às importações de banana, a Portaria nº 128 impede a entrada da fruta do Equador em território brasileiro desde 1994, como barreira fitossanitária. Até o fechamento desta edição, contudo, representantes do governo brasileiro e equatoriano estavam discutindo a possibilidade de retomar o comércio de banana entre os países, mas ainda sem conclusão. Apesar de a produção brasileira ser suficiente para abastecer o mercado doméstico, a fruta do Equador é competitiva.

QUAIS OS FATORES QUE INFLUENCIAM NA OFERTA E NA DEMANDA DO MAMÃO?

Valmir Zuffo, leitor desde a edição nº 1 – Pinheiros/ES

Marcos Vinícius Grein, leitor há 5 anos – Balsas/MA

A oferta é influenciada, no geral, pelo aumento e/ou redução de área de plantio. Quando a rentabilidade de uma safra é positiva, geralmente produtores tendem a investir na cultura e, devido à falta de planejamento de plantio, a oferta pode se concentrar no futuro, influenciando os preços da fruta. Em 2008 e 2009, por exemplo, a forte redução de área elevou os preços do fruto que, por sua vez, animou mamoneiros a aumentar a área de plantio para 2010. O maior volume naquele ano pressionou as cotações da fruta, que acabaram ficando, de setembro/10 até o final de 2011, abaixo do mínimo

estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. Já em 2011, a baixa rentabilidade do setor limitou os investimentos em área e em manejo e, dessa forma, a oferta de mamão tem sido baixa em 2012. Além disso, o preço e a qualidade da fruta também são fatores que influenciam na demanda – valores muito elevados ou qualidade baixa fazem com que consumidores optem por outras frutas. Apesar da margem pequena e do risco elevado, é muito difícil o produtor armazenar a fruta para negociar num período mais favorável, já que o mamão é altamente perecível.

Praças de coleta são semelhantes para banana e mamão

As pesquisas com banana começaram em julho de 2001. No início de 2012, o Projeto começou a se adequar à nova unidade de negociação: cotação da banana por quilo. Dez analistas já fizeram parte do Projeto Banana e, atualmente, Ednaldo Borgato é o responsável pelas análises da fruta. Para o mamão, o levantamento de preços iniciou-se um pouco antes da banana, em abril de 2001. Dos 14 analistas que já passaram pelo projeto de mamão, Karina Yukie Shinoda é a atual responsável. As praças de coleta tanto de banana quanto de mamão são semelhantes: Nordeste e Sudeste do Brasil e Norte de Santa Catarina – esta última apenas para banana.



Karina Shinoda
é da Equipe Mamão.

Alexandre Borgato
é da Equipe Banana.

Larissa Pagliuca
é editora econômica.

QUAIS OS PRINCIPAIS CONCORRENTES DO BRASIL NO MERCADO EXTERNO DE MANGA? E COMO OS PROBLEMAS DE PÓS-COLHEITA AFETAM A DEMANDA INTERNACIONAL?

Carlos Antonio Távora Araújo, leitor há 3 anos – Tangará da Serra/MT

Glauber Gonçalves Silva, leitor há 1 ano – Deptford/NJ (EUA)

O Brasil é o país que mais fornece manga à Europa, e seus principais concorrentes são Peru e Israel. Como Israel embarca a fruta principalmente em setembro e o Peru inicia as exportações em dezembro, o Brasil tende a elevar os envios à Europa no período de janela desses países, sobretudo entre outubro e novembro – período que coincide com o pico de colheita no Brasil. Quanto aos EUA, o Brasil tem como principais concorrentes o México, Peru e Equador. Em relação aos problemas fitossanitários e de pós-colheita, o mercado internacional se mostra muito exigente. Assim, produtores brasileiros que pretendem exportar a fruta devem ter muito cuidado no correr de toda a safra, para garantir um produto de qualidade. No Vale do São Francisco, principal polo exportador, a doença que mais afeta a fruta é a antracnose – o combate à doença é realizado por meio de aplicação de fungicidas. Outro pro-

blema comumente enfrentado por produtores é a queima da fruta pelo sol. Para amenizar esse fator, produtores usam cal como protetor solar. Porém, o uso em excesso dessa substância dificilmente é eliminado por completo após a colheita, o que torna a aparência da manga esbranquiçada. Essa fruta, com traços de cal, muitas vezes acaba sendo rejeitada pelos compradores, por acreditarem que se trata de um resíduo de fungicida. Exportações para os EUA e ao Japão requerem um cuidado ainda maior. A manga a ser exportada para esses países passa por um tratamento hidrotérmico, a fim de eliminar qualquer vestígio de insetos ou de doenças, como a mosca da fruta. No entanto, isso afeta o sabor da manga. Nesse sentido, é preciso sempre buscar aprimoramento dos tratamentos fitossanitários e de pós-colheita no Nordeste, em acordo com as exigências do mercado internacional.

COMO ESTIMULAR O CONSUMO DE MANGA NO BRASIL?

José Aparecido Dourado Silva, leitor desde 2007 – Livramento de Nossa Senhora/BA

Selva e Clemente Telles, leitores há 5 anos - Janaúba/MG

Cândido Barbosa Pereira, leitor há 3 anos – Petrolina/PE

O número de brasileiros aptos a consumir frutas ampliou significativamente nos últimos anos com o crescimento da classe C no País. O aumento de renda foi observado não apenas em centros consumidores tradicionais, mas também em regiões como o Centro-Oeste e Nordeste. Sabendo que a correlação entre renda e consumo de manga é positiva, mangicultores brasileiros podem se aproveitar desse cenário para aumentar suas vendas em regiões onde o consumo da fruta ainda é baixo. Além disso, para um mercado mais equilibrado, pode ser necessário que haja investimento em mais variedades no longo prazo. No cenário mundial, estão bem

consolidadas, por exemplo, as mangas *ataulfo*, *haden*, *keitt* e *kent*. Quanto ao tamanho da fruta, muitas vezes o consumidor prefere adquirir a manga de calibre médio. Assim, para comercializar a fruta de calibre graúdo, vendê-la cortada e embalada (minimamente processada) é uma das alternativas. Além disso, o produtor pode direcionar essa manga de maior porte aos serviços de alimentação (restaurantes), onde a fruta é servida como sobremesa, salada ou mesmo suco. Também há possibilidade de promover a manga de tamanho pequeno, como ocorreu com a maçã miúda da “Turma da Mônica” direcionada a crianças.

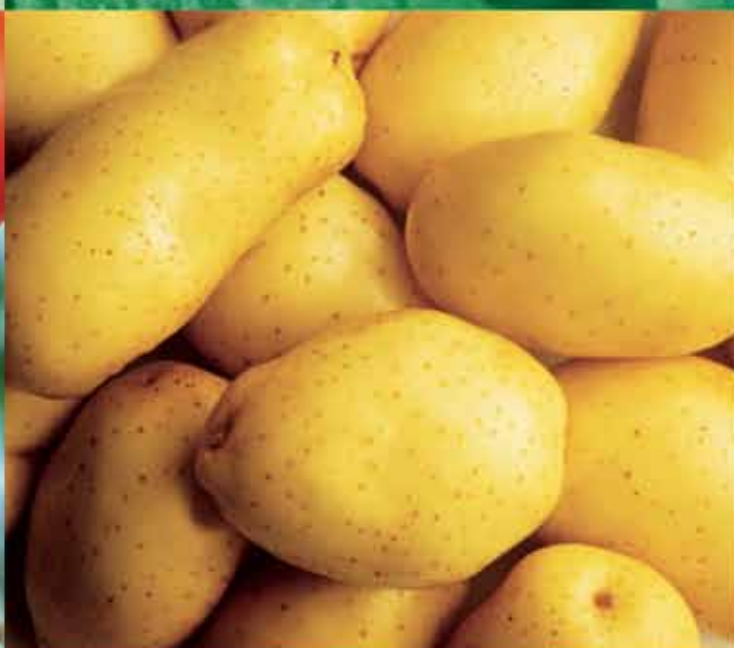


Aline Fernanda Soares
é da Equipe Manga.

Norte de Minas é nova região avaliada pela Equipe de Manga

O Projeto Manga teve início em fevereiro de 2001. Aline Fernanda Soares é a atual analista do mercado de manga – no total, 10 analistas já passaram pelo projeto. Entre as principais regiões produtoras de coleta de preços, a mais recente é a Norte de Minas Gerais, praça em que a fruticultura vem ganhando cada vez mais espaço. Para a revista publicada em setembro de 2011 (Especial Frutas), o Cepea realizou um estudo de caso em uma propriedade de manga em São Paulo. As pesquisas com manga envolvem o mercado brasileiro e também o exportador.

Você trabalha
até na chuva.
Seu fungicida
deveria fazer
o mesmo.



ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br



Revus é uma solução inovadora para o controle preventivo da quequeima na batata e no tomate e do mildio no melão, na melancia, no pepino, na alface e na cebola. É o único fungicida que tem a tecnologia LOK+FLO, que combina a superaderência às folhas com o efeito fungicida translaminar, promovendo maior resistência à lavagem por chuva e prolongando o efeito residual em condições climáticas adversas. Use Revus, o fungicida que você pode confiar.



Proteção eficaz mesmo com chuva.



syngenta.



A CERTIFICAÇÃO NA FRUTICULTURA AGREGA VALOR OU É UMA BARREIRA À ENTRADA EM MERCADOS MAIS EXIGENTES?

José Carlos Reis, leitor desde a edição nº 1 – São Paulo/SP

No início, as certificações podem ter sido introduzidas como uma forma de agregar valor. Porém, a cada ano, se consolidam como um pré-requisito para exportação e, dependendo do mercado que se deseja atender, um selo específico deve ser obtido. Os principais selos ainda são os de Boas Práticas Agrícolas, como o GLOBALG.A.P. Porém, para abastecer grandes redes varejistas internacionais, muitas vezes é necessário, ainda, que o produtor obtenha o selo específico daquela determinada empresa – como o Tesco Nurtu-

re, selo necessário para atender esta rede varejista britânica. Essa tendência é verificada, também, no varejo nacional. Com cada cliente exigindo protocolos distintos, aumentam os custos de produtores que desejam atender mercados variados. Em contrapartida, alguns selos, como os de responsabilidade social e comércio justo, ainda podem ser vistos como diferenciais. Na prática, compradores não necessariamente pagam mais por frutas com esses selos, mas podem preferi-las em detrimento daquelas que não os apresentem.

POR QUE A CERTIFICAÇÃO DE PRODUTOS ORGÂNICOS É RÁPIDA E DE POUCA BUROCRACIA, ENQUANTO O MESMO NÃO SE VERIFICA QUANDO A PROPOSTA É CERTIFICAÇÃO DE PRODUÇÃO INTEGRADA?

Walter Ferreira Becker, leitor há 5 anos – Caçador/SC

O tempo e o esforço envolvidos no processo de certificação não estão diretamente relacionados ao tipo de protocolo que se deseja obter. Segundo Tom Vidal, do IBD Certificações, “o grau de dificuldade estaria muito mais relacionado à ‘distância’ em que o produtor se encontra da certificação pretendida, do que exatamente pelas diferenças de critérios entre os diferentes programas”. Isso porque, em todos os casos, uma série de exigências deve ser cumprida, e o que varia é o grau de adequação do produtor

com relação a cada requisito. Dessa forma, uma hipótese é que o produtor que busca uma certificação de Boas Práticas, como a PIF, ainda não estaria em adequação com todas as exigências, sobretudo quanto à necessidade de se controlar e registrar tudo o que envolve a produção. Por outro lado, o produtor que busca uma certificação de orgânicos, por exemplo, pode já ter se envolvido previamente com o conceito, apresentando um processo produtivo que atende parte dos preceitos da agricultura orgânica.

QUE POLÍTICA PÚBLICA VOLTADA AO MAIOR CONSUMO DE FRUTAS ESTÁ SENDO PRÁTICADA?

Walter dos Santos Rocha, leitor há 6 anos – Petrolina/PE

As políticas mais efetivas são as voltadas à alimentação escolar. Por lei federal, a merenda nas escolas públicas deve contemplar, no mínimo, três porções de frutas e hortaliças por semana, e os sucos de frutas têm de ser naturais. Apesar de as três porções semanais exigidas de hortifrutis nas escolas não serem consideradas grandes quantidades,

já seriam um grande avanço caso os municípios respeitassem esse mínimo. No passado, a preocupação era com a desnutrição quando o assunto era merenda escolar. Hoje, é mais difundido entre os educadores o papel da escola também como educadora alimentar, inserindo conceitos de alimentação saudável e combatendo a obesidade.

Hortifruti Brasil analisa os temas de comercialização/consumidor desde o início

Várias edições já focaram temas de comercialização e de comportamento do consumidor brasileiro. A edição de abril de 2003, por exemplo, mostrou os principais entraves na negociação entre produtores e supermercadistas. Já a de setembro de 2010 detalhou os avanços na negociação entre estes agentes – nesta edição, foi observado que a persistência em melhorar a qualidade dos hortifrutis nos supermercados dá resultado. Em setembro de 2011, a Hortifruti Brasil concluiu que, além de o poder aquisitivo do brasileiro estar aumentando nos últimos anos, é uma população que tem se mostrado mais exigente em termos de qualidade e praticidade. No entanto, ainda são necessárias mais ações para que o consumo de frutas e hortaliças aumente cada vez mais no Brasil. Outros nichos do mercado consumidor também já foram estudados, como processamento e manuseio mínimo, *food service* (oportunidades de venda do produto para restaurantes, hospitais, etc.) e alimentação escolar. Assuntos como má alimentação e a polêmica de que frutas engordam também já foram trabalhados na Hortifruti Brasil.



*Margarete Boteon
é coordenadora da
Hortifruti Brasil.*

A CERTIFICAÇÃO FICA POR CONTA DO PRODUTOR. QUAL É O PAPEL DO GOVERNO E DOS DEMAIS ELOS DA CADEIA HORTIFRUTÍCOLA NO PROCESSO DE CERTIFICAÇÃO?

Fernando Medeiros, leitor desde 2008 – Petrolina/PE

Ryutaro Takahashi, leitor há 4 anos – Juazeiro/BA

Todos os elos da cadeia produtiva têm papel-chave no processo de certificação. Com consumidores cada vez mais conscientes e exigentes, principalmente no âmbito internacional, varejistas precisam ter controle da procedência do alimento que oferece nas prateleiras. A certificação é uma forma de atestar que aquele produto é seguro para consumo ou que provém de um sistema de produção sustentável ou justo. O intermediário é, normalmente, o elo da cadeia que repassa essa demanda ao produtor que, por sua vez, precisa se adequar caso tenha por objetivo continuar atuando naquele mercado. Porém, com a burocracia

e os inúmeros fatores técnicos envolvidos no processo de certificação, muitas vezes o produtor necessita de apoio ou orientação. O governo pode, portanto, fornecer informações sobre programas de certificação e cursos para capacitação, facilitando o acesso. Muitos produtores alegam, ainda, que seria interessante que subsídios à certificação fizessem parte dos programas de política agrícola. No Brasil, órgãos como a Embrapa e o Sebrae atuam junto ao produtor, apoiando a certificação. Porém, mesmo com o progresso nos últimos anos, ainda há muito que melhorar nesse quesito.



*Mayra Monteiro Viana
é editora econômica.*

*Letícia Julião
é da Equipe Hortifruti.*

Certificação: cada vez mais importante para as frutas

Nesses 10 anos de Hortifruti Brasil, foram elaboradas três matérias com o tema Certificação. A primeira foi em março de 2003, quando o objetivo foi alertar os leitores para a nova tendência que se instalava. Naquela época, a certificação ainda era um diferencial, mas começava a ser uma exigência para aqueles que queriam exportar sua produção. Na edição de setembro de 2005, foi comprovado que a certificação havia se tornado uma exigência do mercado externo. Já em março de 2011, foram apresentados os principais selos utilizados para frutas, dos três grandes grupos de certificações: Boas Práticas, Orgânicas e Socioambientais. Nessa última edição, ficou evidente que a certificação é uma tendência que veio para ficar.

COMO MODERNIZAR A COMERCIALIZAÇÃO NO PAÍS E INCENTIVAR O CONSUMO DE FRUTAS E HORTALIÇAS?

Romeu Suzuki, leitor há 6 anos – Califórnia/PR

Não se pode negar que várias iniciativas visando à modernização da cadeia hortifrutícola foram realizadas nos últimos anos. No entanto, esses avanços em pró da modernização da comercialização do setor são descentralizados e empreendidos isoladamente por iniciativas de empresas, ora do produtor ora do varejo ou de centrais de abastecimento. A falta de coordenação das iniciativas entre os elos da cadeia e um projeto mais amplo a favor da modernização limitam os benefícios para o setor como um todo. A saída seria adotar medidas ou até leis que tenham impacto em todos os elos da cadeia de comercialização simultaneamente. Pode-se argumentar, também, que os entraves na modernização no passado estavam correlacionados ao baixo poder de compra do brasileiro e à concentração da renda nos estados do Sul e Sudeste. Hoje, apesar de o País

ainda ter problemas de distribuição de renda, é dominado pela classe média – houve ascensão da classe média no Nordeste e no Centro-Oeste. Levando-se em conta que o maior potencial de consumo dos hortifrutis ocorre entre as classes C, B e A, o potencial de poder de compra no País praticamente deve triplicar entre 1993 e 2014 – as classes A, B e C representavam 55 milhões de brasileiros em 1993 (37% da população) e, em 2014, projeta-se 155 milhões (75% da população). Em 2011, eram 130 milhões de pessoas aptas a comprar frutas e hortaliças. Hoje, a falta de hábito de consumo e a má qualidade de frutas e hortaliças, com certeza, têm um peso maior que o problema de renda da população. Enfim, há uma oportunidade única de avançar na modernização, ao mesmo tempo em que é necessário estimular o consumo. ■



Temporada de verão em reta final

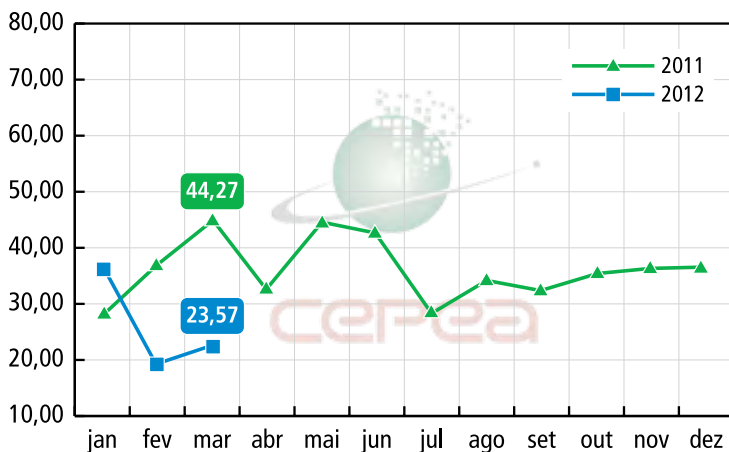
Oferta da temporada de inverno não deve ser elevada em abril

Neste mês, a maioria das regiões produtoras de tomate que ofertam na primeira parte da safra de inverno entra em período de colheita. Mesmo assim, a disponibilidade de tomates da temporada de inverno não deve ser elevada neste mês. As praças que iniciam as atividades em abril são as paulistas Sumaré e Mogi Guaçu, Pará de Minas (MG) e Paty do Alferes (RJ). As estimativas indicam que 5,8 milhões de pés sejam colhidos em abril, o que representa 11% do total previsto para a temporada deste ano (52,3 milhões de pés). O pico de oferta vai ocorrer entre maio e junho, quando um volume próximo a 10 milhões de pés deve ser colhido em cada mês. O desenvolvimento das roças tem sido satisfatório, pois o baixo volume de chuvas nos últimos meses reduziu a incidência de pragas. Segundo produtores consultados pelo Cepea, a única ocorrência foi registrada na região de Araguari (MG), que teve 15% de suas lavouras afetadas pela broca pequena do tomateiro. As expectativas para esta temporada são de que, devido ao aumento de 5% na área cultivada durante todo o inverno, os preços sejam inferiores aos do ano passado, quando a caixa de 23 kg foi negociada a R\$ 20,46, em média.



Safra de verão caminha para o fim

Abril marca o final da colheita da safra de verão de tomate. A expectativa é de que cerca de 4



Com menor volume, preço sobe em março

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 20 kg



Fonte: Cepea

milhões de pés sejam colhidos neste mês. A partir de maio, apenas as regiões de Itapeva (SP) e Venda Nova do Imigrante (ES) devem continuar em colheita, sendo que as atividades devem finalizar ainda em maio na praça paulista e em junho na capixaba. Mesmo assim, o volume colhido não deve chegar a 2 milhões de pés na soma das duas regiões em maio e junho. Até o momento, os resultados da safra não têm sido tão satisfatórios. A grande quantidade de tomates ofertada na temporada de verão fez com que, no período de novembro/11 a março/12, o valor médio obtido pela caixa de 23 kg do tomate na roça, ponderado pela quantidade colhida e pela classificação do fruto (1A ou 2A), fosse de R\$ 17,00, apenas 1,8% acima dos custos de produção estimados por produtores para cobrir os gastos com a atividade, que foram de R\$ 16,70/cx no mesmo período.

Diferente do esperado, área de tomate industrial deve ter leve recuo

A área nacional de tomate rasteiro destinado à indústria deve ter redução de menos de 5% em relação à safra passada. Essa ligeira queda contraria a expectativa divulgada em fevereiro, que era de manutenção da área. Isto se deve à redução nos investimentos por parte das pequenas empresas, por conta da dificuldade de competição no mercado. Já as grandes empresas mantiveram a área de cultivo. Assim, a produção brasileira deve ser de quase 1,5 milhão de toneladas neste ano, segundo relatório divulgado pelo Conselho Mundial de Tomate Processado (WPTC, na sigla em inglês) em fevereiro. O Conselho calculou que, em 2011, o Brasil processou cerca de 1,6 milhão de toneladas de tomate. Sobre os valores dos contratos, as expectativas são de que produtores podem receber cerca de US\$ 95,00 por tonelada entregue nas indústrias goianas. Contudo, este valor pode variar dependendo dos contratos firmados, pois, em alguns casos, o produtor que entregar um fruto com melhor qualidade na indústria pode ter uma bonificação.





**Kasumin você conhece,
é o bactericida que cicatriza!**

Kasumin é um antibiótico de ação preventiva e curativa que interrompe e cicatriza o dano da planta logo após a aplicação*.

- ▶ **DUPLA AÇÃO:** Bactericida e Fungicida com registro exclusivo agrícola.
- ▶ **AÇÃO SISTÊMICA:** Rápida absorção, excelente em épocas chuvosas. Residual prolongado.
- ▶ **ORIGEM BIOLÓGICA:** Extraído de *Streptomyces kasugaensis*.
- ▶ Excelente opção na rotação com outros produtos.



Kasumin

O bactericida que cicatriza.

*Consulte o representante Arysta LifeScience da sua região.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



Arysta LifeScience

www.arystalifescience.com.br

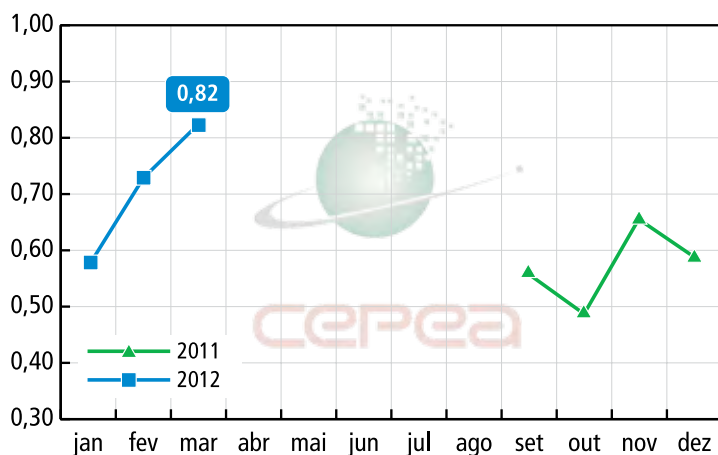


Americana valoriza e alcança melhores cotações de 2012



Escassez de americana e crespa impulsiona preços

Em março, os preços da alface americana foram os mais altos desde o início do ano. A alface crespa também acompanhou esta alta, no entanto, os preços desse tipo de folhosa oscilaram mais fortemente no correr do período, resultando em valorização média menos expressiva. O aumento nos preços esteve relacionado à baixa oferta desses tipos de alface, principalmente na primeira quinzena do mês. As chuvas no final de janeiro limitaram o transplântio das mudas naquele período, resultando em oferta reduzida no fim de fevereiro e início de março. Para aproveitar o melhor momento de preços, produtores anteciparam a colheita da alface antes que as plantas atingissem seu desenvolvimento ideal que, a princípio, seria obtido nas primeiras semanas de março. Devido a isso, grande parte das folhosas ofertadas, principalmente a alface americana, ficou abaixo do padrão de qualidade exigido. A caixa com 18 unidades da americana foi comercializada na Ceagesp a R\$ 14,76 em março, alta de 12% em relação à média de fevereiro. A caixa com 24 unidades de alface crespa foi comercializada à média de R\$ 9,99, aumento de 4% frente ao mês anterior. Já a alface lisa, apesar de também ter atingido cotações elevadas no início de março, não conseguiu sustentar tais valores no correr do período. Dessa forma, a média de preços da caixa de 24 unidades dessa folhosa recuou 4% em comparação ao mês anterior.



Preço de americana sobe significativamente em março

Preços médios de venda da alface americana no atacado de São Paulo - R\$/unidade

Fonte: Cepepa

Verão 2011/12 fecha com chuva abaixo da média

O verão finalizou com volume de chuva abaixo da média histórica em Ibiúna (SP) e Mogi das Cruzes (SP), segundo informações da agência Tempo Agora. O acumulado de chuvas entre 20 de dezembro de 2011 e 20 de março de 2012 foi de 543 mm em Mogi das Cruzes, volume 45% menor em comparação ao verão 2010/11. Em Ibiúna, choveu 544 mm, redução de 26% no mesmo comparativo. Essas médias foram as menores dos últimos cinco verões. Em consequência, a produtividade média das lavouras de folhosas esteve elevada na maior parte da estação. Mesmo com o volume relativamente baixo de chuvas, produtores informaram que, até o final de março, o nível de água dos reservatórios estava satisfatório. No entanto, caso as precipitações continuem reduzidas nos próximos meses, a produção da safra de inverno poderá ser prejudicada por falta de água.

Finaliza o transplântio da safra de verão

O transplântio da temporada de verão – com colheita de dezembro a maio - nas praças paulistas está previsto para encerrar na primeira quinzena deste mês. De acordo com viveiristas, considerando-se o total de mudas comercializadas no verão 2011/12, a quantidade plantada foi praticamente estável em comparação com a do verão 2010/11. Apesar disso, segundo produtores, a produtividade média das lavouras tem sido superior, o que resultou em maior volume ofertado e menores preços nesta safra. Com relação aos tipos de alface cultivados nas praças paulistas, tanto em Mogi das Cruzes quanto em Ibiúna, verificou-se aumento na participação da americana. No verão 2010/11, a alface americana representou cerca de 10% do total cultivado e, na safra 2011/12, avançou para 15%. A expectativa de colaboradores é que essa proporção se mantenha no cultivo de inverno. As atividades de colheita de verão seguem até o fim de maio, quando tem início a da safra de inverno.





Clima seco prejudica safra nordestina

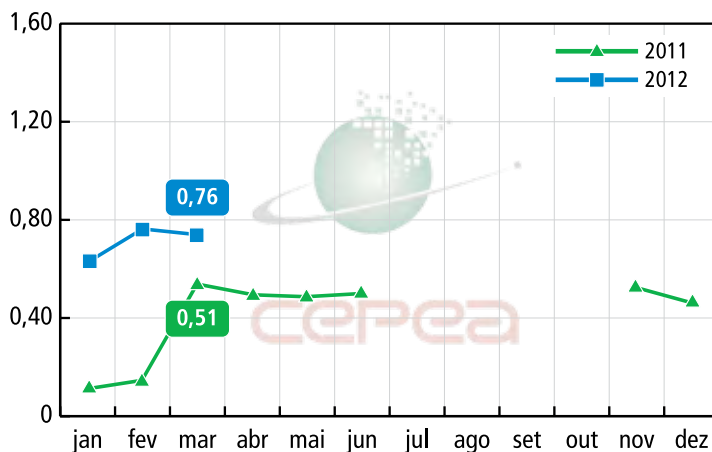
Seca restringe plantio em Irecê

A previsão inicial de produtores de Irecê (BA) era de manutenção de área nas safras de cebola IPA-11 e híbrida. Porém, com a falta de chuva nos últimos meses, o nível dos reservatórios baixou, limitando a irrigação e o cultivo. Nessas condições, aumentou a produção de bulbos de menor calibre (caixas 1 e 2), com menor valor de mercado que a caixa 3. Mesmo assim, a rentabilidade está sendo positiva. Caso a estiagem permaneça em abril, o plantio da variedade híbrida, que iniciou no mês passado e vai até junho, também pode ser prejudicado. A redução de área para essa variedade pode chegar a 20% em relação ao último ano, enquanto a de IPA-11 já é 15% menor. Até o final de março, 158 municípios baianos haviam decretado estado de emergência devido à estiagem. A safra de IPA-11 em Irecê começou em meados de março e segue até o final de junho, quando começa a colheita de cebolas híbridas.



São José do Norte encerra safra

A temporada 2011/12 em São José do Norte (RS), que começou em novembro, pode ser considerada encerrada. A produtividade foi 14% superior à do último ano, sendo estimada nesta temporada em 42 t/ha. A qualidade também foi melhor que em anos anteriores, o que colaborou para o ganho dos cebolicultores. O preço médio ponderado pelo calendário de comercialização



Preço em março fica 49% acima de março/11

Preços médios recebidos por produtores de Ituporanga (SC) pela cebola na roça - R\$/kg



Fonte: Cepea

foi de R\$ 0,50/kg na roça, valor 107% acima do estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. A região de Irati (PR) também está em ritmo final de safra, restando 5% do total para ser ofertado em abril.

Importação prejudica escoamento da safra catarinense

A importação de bulbos da Argentina começou no final de fevereiro e se intensificou em março. Era esperado volume até maior, que só não se concretizou devido aos preços elevados da cebola argentina frente aos da brasileira. Na média, o preço da caixa 3 em Porto Xavier (RS) foi de R\$ 21,57 em março, e entraram cerca de 40 carretas por semana. Com pouco mais de 16 mil toneladas importadas em março, segundo a Secex, o bulbo argentino fez com que o preço médio em Ituporanga apresentasse ligeira queda nas roças em relação a fevereiro. Estima-se que ainda restem 22% da safra sulista para ser comercializada até maio. A expectativa é que a importação aumente em abril.

Clima seco favorece cultivo em SP e no Cerrado

O plantio da safra 2012 começou em março nas regiões de Monte Alto e São José do Rio Pardo (SP). A área deve ser mantida em relação à do ano passado. Até o final de março, o clima quente e seco se mostrava favorável aos trabalhos de campo, de forma que 50% do plantio já tinha sido realizado. Há uma maior proporção de plantio direto em relação ao plantio em canteiros, de 60 a 70%. A semeadura deve terminar entre abril e maio, com oferta a partir do final de julho. Nos Cerrados Mineiro e Goiano, o clima também tem favorecido as atividades, e 90% do total já foi plantado em Minas Gerais e 70% em Brasília/Cristalina (GO). A previsão é que o volume de chuva não seja alto pelo menos na primeira quinzena de abril, colaborando com os trabalhos de campo.





Vargem Grande do Sul intensifica plantio

Vargem Grande do Sul (SP) entra em pico de plantio em abril, quando 43% da área total da safra deve ser cultivada. Em março, a expectativa era que fossem cultivados cerca de 15%; no entanto, apenas 5% foram concluídos, devido às temperaturas acima da média para o período. A área cultivada com batata deve ter aumento de cerca de 10% nesta temporada em relação à anterior, apesar dos resultados negativos obtidos na última safra. Muitos produtores desta praça têm um portfólio de culturas, além de produzirem o tubérculo em outras safras. Assim, mesmo em anos de prejuízo, bataticultores não têm necessariamente redução na área cultivada, pois há transferência de renda das demais atividades para a safra de batata.

Termina plantio da safra das secas

O plantio da safra das secas foi encerrado em março no Sul de Minas Gerais e nas praças paranaenses de Curitiba, São Mateus do Sul, Irati e Ponta Grossa. No Sudoeste Paulista, porém, ainda restam cerca de 5% da área para ser cultivada em abril. O verão mais quente e seco neste ano tem prejudicado as áreas não irrigadas no Paraná. Na região de Curitiba, onde boa parte das lavouras não é irrigada, a falta de chuva foi mais crítica. Por enquanto, as perdas ainda são incertas em Curitiba. Já no Sul de Minas Gerais, como grande parte das lavouras é irrigada, não houve problemas com o clima seco. No Sudoeste Paulista, o

plantio foi realizado entre fevereiro e março em municípios serranos, como São Miguel Arcanjo, onde as chuvas foram suficientes para suprir as exigências da cultura. Porém, mesmo se houvesse baixo volume de chuvas, não haveria problema, pois a maior parte das lavouras dessa região também é irrigada.



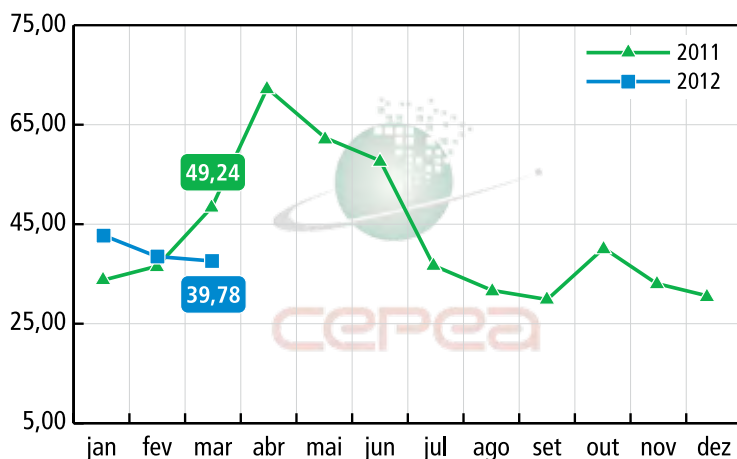
Safra das águas do Sul de MG encerra no vermelho

Os resultados da safra das águas 2011/12 no Sul de Minas Gerais não foram muito satisfatórios. A temporada encerrou em março, com preços médios ligeiramente inferiores ao valor mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a produção. O valor médio recebido pela ágata especial na roça, ponderado pelo calendário de colheita, foi de R\$ 21,71/sc de 50 kg, 8% abaixo do valor mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos, que foi de R\$ 23,60/sc. A produtividade média nessa região mineira esteve dentro do potencial produtivo apenas em dezembro (30 t/ha). Com pouca chuva e temperaturas elevadas, a batata do Sul de Minas Gerais teve a qualidade comprometida, inferior à das praças de Água Doce (SC) e Guarapuava (PR). Na comparação dos preços destas duas praças, as cotações no Sul de Minas estiveram 20% inferiores em fevereiro e março.

Preço na Semana Santa é menor que em 2011

No feriado da Paixão de Cristo, o hábito de se consumir pratos à base de bacalhau é comum. Consequentemente, a demanda por batata, um dos principais acompanhamentos desses pratos, fica aquecida no período, o que poderia impulsionar os preços do tubérculo. Este ano, no entanto, as altas não foram expressivas porque o feriado religioso coincidiu com o período intenso de colheita no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - no mesmo período do ano passado, esta região já estava na reta final da safra. A cotação média da ágata especial no atacado de São Paulo na Semana Santa foi de R\$ 45,62/sc de 50 kg. Por outro lado, na mesma semana de 2011, o produto foi comercializado a R\$ 69,34/sc.

Mais de 40% da área de Vargem Grande do Sul pode ser cultivada em abril



Intensificação da safra do Triângulo reduz preço

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$ 44,66 /sc de 50 kg

Fonte: Cepea

SEÇÃO ELETRÔNICA BATATA
Cadastre-se e receba preços semanais de batata.
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade



**SUA BATATA TURBINADA,
DO PLANTIO À COLHEITA.**

MELHOR CLASSIFICAÇÃO
DOS TUBÉRCULOS
Cabrio[®] Top

MELHOR QUALIDADE
Cantus[®]

Você pode mais. Sua lavoura pode mais.

www.agro.basf.com.br

0800 0192 500

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Inclua outros métodos de controle de doenças/pragas/plantas infestantes (ex.: controle cultural, biológico etc) dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Para maiores informações referentes às recomendações de uso do produto e ao descarte correto de embalagens, leia atentamente o rótulo, a bula e o receituário agrônomo do produto. Produtos registrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento sob os seguintes números: Cantus[®] nº 7503 e Cabrio[®] Top nº 1303.

Sistema AgCelence Batata

**BASF**

The Chemical Company



Começa o plantio de inverno da safra 2012

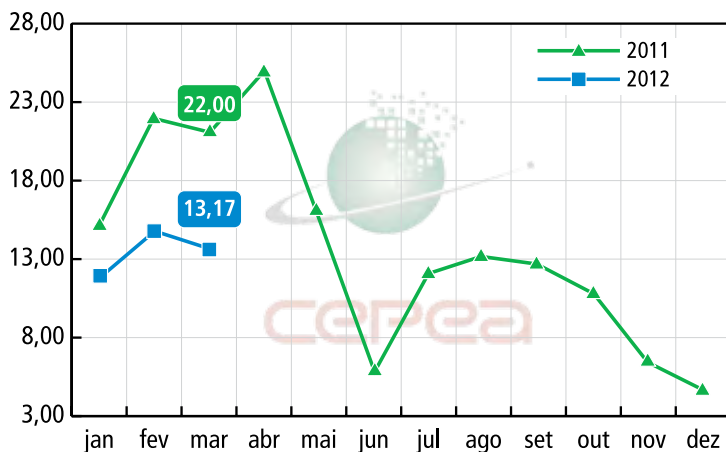
Com queda na área, MG, GO e PR iniciam plantio de inverno

O plantio da safra de inverno 2012 começou nas regiões de Minas Gerais, Goiás e Paraná. A área plantada nestes três estados terá redução média de 5% em relação à da safra passada, devido à queda na área da região de Cristalina (GO), por conta da estratégia comercial de uma das grandes empresas do setor que atua na região, e do Paraná, devido às margens estreitas dos últimos anos. Esta redução de área pode influenciar na oferta local e, consequentemente, nos preços. No entanto, considerando-se que nem a região goiana nem a paranaense são as maiores ofertantes da raiz, tal diminuição na área pode não ser tão significativa no contexto nacional. Já nos demais estados, a área de plantio do inverno deve permanecer semelhante à da temporada 2011. O término das atividades de plantio destas praças e o início da colheita devem ocorrer entre junho e julho.



Estiagem ainda é preocupação na Bahia

A falta de chuvas nas praças baianas produtoras de cenoura ainda persistia em março. A Defesa Civil daquele estado chegou, inclusive, a decretar situação de emergência em 158 municípios da Bahia até o final do mês passado – entre eles estava o de Irecê, importante região produtora de cenoura no Nordeste. A cidade de João Dourado, outra praça produtora da hortaliça, não entrou



nesta lista. No entanto, o município também tem sido bastante prejudicado pela seca, conforme afirmam produtores consultados pelo Cepea. De 20 de dezembro/11 até 20 de março/12, o volume de precipitações foi de apenas 178 mm em Irecê e em João Dourado, de acordo com a Tempo Agora. Isso fez com que a irrigação fosse impossibilitada em alguns lugares. Com isso, as atividades de plantio têm sido reduzidas e, se não chover em abril (período em que tipicamente chove na região), a área pode ter diminuição de 50% ou mais, segundo colaboradores do Cepea. Dessa forma, pode haver menor oferta de cenoura nos próximos meses. A seca também tem prejudicado a qualidade da hortaliça, visto que a temperatura na região ultrapassa os 32°C. Porém, caso as chuvas atinjam o volume esperado em abril, este cenário deve ser alterado: o plantio pode se concentrar em abril, o que aumentaria consideravelmente a disponibilidade de cenoura a ser colhida em junho/julho.

Produtividade em MG aumenta em março

Agentes das regiões mineiras de São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba tinham boas expectativas para o mercado de cenoura em março. As chuvas entre dezembro e janeiro e a falta das sementes de verão mais utilizadas anunciavam baixas produtividade e qualidade durante a safra de verão, o que poderia reduzir a oferta em março. Com isso, a expectativa inicial era que os preços se mantivessem em patamares atrativos aos produtores. Em fevereiro, o clima passou a ser seco, o que favoreceu o desenvolvimento da hortaliça, até mesmo no plantio de semente comum. Assim, a produtividade melhorou gradativamente, elevando a oferta da região e reduzindo os preços. Com as cotações pouco atrativas aos produtores, a colheita em algumas áreas tem sido atrasada na tentativa de se comercializar a hortaliça a preços melhores. Em abril, agentes acreditam que a oferta pode diminuir, visto que o plantio em dezembro/11 e em janeiro/12 foi prejudicado pelas chuvas.



Mais oferta reduz preço em MG

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura "suja" na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea

SEÇÃO ELETRÔNICA CENOURA
Cadastre-se e receba preços semanais de cenoura.
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade



Vale do São Francisco abastece mercado interno

A partir de abril, o Vale do São Francisco deve ser a principal região a disponibilizar melão no País. Este cenário deve seguir até meados de julho. Com chuvas pontuais na região nos últimos meses, o produto não tem apresentado grandes problemas em relação à qualidade. Segundo previsão do Cptec/Inpe, há possibilidade de as chuvas continuarem abaixo ou dentro da normal climatológica entre abril e maio por conta do enfraquecimento do *La Niña*. Quanto ao polo do Rio Grande Norte/Ceará, a maior parte dos produtores encerra as atividades de campo em abril. Assim, a oferta das variedades nobres de melão começa a ser limitada no mercado doméstico. Isso porque, embora a região do Vale também produza esses melões, o volume é inferior ao do RN/CE.

Empresas do RN/CE negociam contratos para exportação

A partir de abril, as empresas do Rio Grande do Norte/Ceará começam os primeiros negócios de exportação da temporada 2012/13. Este período é importante, visto que é com base nos contratos que as empresas irão definir os investimentos para próxima safra. Até o momento, não há expectativas de grandes investimentos no próximo período de exportações, já que na 2011/12 houve recuperação frente à anterior. De modo geral, a expectativa é manter os volumes da temporada que chega ao fim

Baixo volume de chuvas favorece qualidade e vendas no Vale do São Francisco

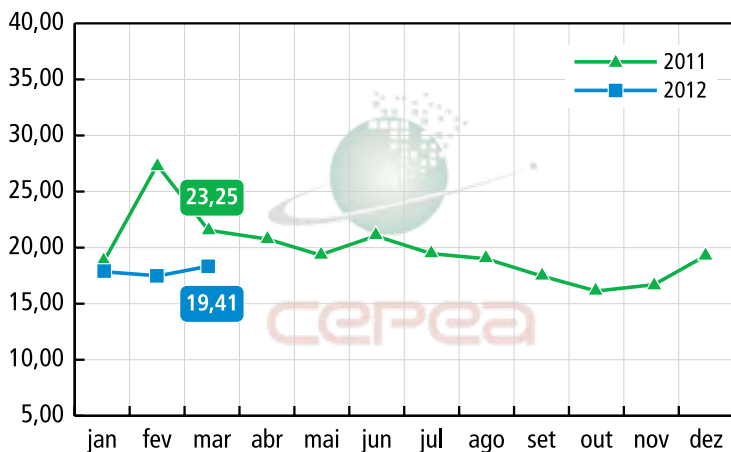


Embarques aumentam nesta temporada em relação à anterior

Em abril, com a temporada de embarques 2011/12 praticamente finalizada, já é possível observar aumento na comparação com o período anterior. Segundo a Secex, entre agosto/11 e março/12 os envios somaram 185 mil toneladas, 19% mais do que no mesmo período de 2010/11. A receita obtida com a exportação de melão nesta temporada (de agosto/11 a março/12) soma US\$ 136 milhões, 22% acima da registrada no mesmo período da safra passada. O montante recebido já supera, inclusive, o obtido em toda a temporada anterior (agosto/10 a abril/11). De modo geral, os preços pagos pela fruta brasileira na Europa têm sido remuneradores nesta temporada.

América Central também amplia embarques na entressafra espanhola

Assim como no Brasil, exportadores de alguns países da América Central têm ampliado as exportações durante a entressafra espanhola (outubro/11 a março/12). Aparentemente, a Costa Rica é a que mais ampliou os embarques nesta temporada. Segundo dados da Promotória de Comércio Exterior daquele país, nos dois primeiros meses de 2012 houve aumento de 14,4% em volume e de 27,8% em receita nas exportações de melão em relação aos mesmos meses do ano anterior. O principal destino tem sido a União Europeia, que adquiriu 61% do total embarcado pela Costa Rica na parcial deste ano. Com a proximidade do início da safra espanhola de melão, em abril, os países da América Central que estão enviando a fruta para a Europa devem diminuir o ritmo de embarques.



Redução de oferta do RN/CE eleva preço em março

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp- R\$/cx de 13 kg



Fonte: Cepea

SEÇÃO ELETRÔNICA MELÃO
Cadastre-se e receba preços semanais de melão.
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade



Estoques de entrada da safra 2012/13 devem ser elevados

Estoques de suco brasileiro podem chegar a 535 mil toneladas

No dia 19 de março, a CitrusBR estimou que o estoque de passagem da temporada 2011/12 (junho/12) de indústrias brasileiras pode totalizar 535 mil toneladas em equivalente suco concentrado – somando-se o armazenado no Brasil e no exterior. Desse volume, 311 mil toneladas fazem parte da Linha Especial de Crédito (LEC) e, segundo dados não oficiais, destas, 211 mil toneladas devem continuar retidas até 2013. Assim, no início da temporada 2012/13, os estoques disponíveis para comercialização poderão estar próximos a 324 mil toneladas, volume 51,4% maior que o do mesmo período da safra 2011/12 e 30% superior ao da temporada 2010/11. Os estoques de passagem são elevados, mas ainda cerca de 30% menores que os do início das safras 2008/09 e 2009/10.

Envios de NFC aos EUA são mais expressivos no primeiro trimestre

Desde o início deste ano, as exportações brasileiras de suco de laranja para os Estados Unidos perderam ritmo. Apenas os envios de suco não-concentrado (NFC) aos EUA foram mais expressivos. No primeiro trimestre, os embarques de NFC representaram aumento de 80% em termos de volume e de 82,7% em receita em relação ao mesmo período de 2011. Isso porque esse tipo de suco mais facilmente se enquadra nas exigências norte-americanas de que toda carga contenha nível inferior a 10 partes

por bilhão (ppb) de *carbendazim* - princípio ativo de fungicida proibido em pomares cítricos dos EUA. Para o suco concentrado e congelado (FCOJ), os embarques para os Estados Unidos seguem lentos.

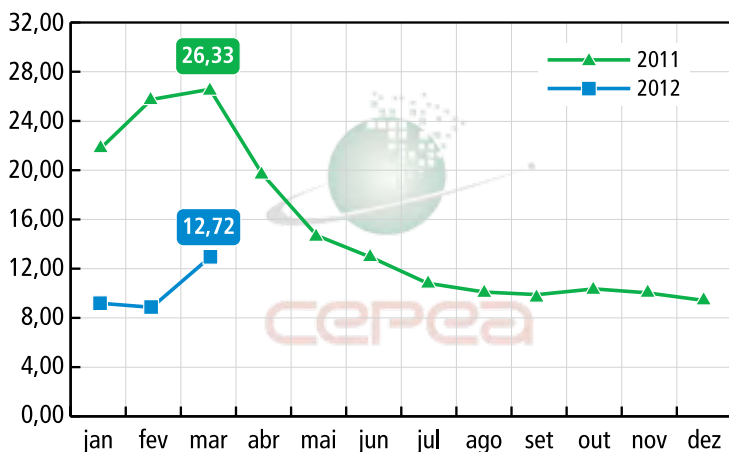
Corte da tarifa antidumping tem baixo efeito econômico para o BR

No dia 14 de março, a Comissão Internacional de Comércio dos Estados Unidos (USITC, na sigla em inglês) revogou a tarifa *antidumping* cobrada nos últimos cinco anos sobre o suco de laranja brasileiro. A tarifa foi estabelecida no início da década passada, quando a comissão julgou que a indústria brasileira comercializava o suco nos EUA a valores abaixo do custo de produção. A revogação da tarifa tem impacto positivo basicamente no âmbito institucional, com o reconhecimento de que não há mais prática de *dumping*. Em termos econômicos, esse fato ameniza muito pouco a situação dos exportadores brasileiros, já que a taxa de importação de US\$ 416,00/t de FCOJ ainda permanece. Segundo cálculos da Organização Mundial do Comércio (OMC), a tarifa *antidumping* representava uma sobretaxa em torno de US\$ 50,00/t.



Aumenta oferta de precoces, e setor passa a focar na safra 2012/13

Daqui para frente, aumenta a disponibilidade de laranjas precoces em São Paulo. A temporada paulista 2011/12 foi considerada extensa, já que, apenas no final de março, a colheita da laranja foi praticamente finalizada. O prolongamento da comercialização ocorreu tanto pela produção mais volumosa quanto pela maturação mais tardia. Assim, em março, produtores ainda se dedicavam à finalização da safra, ao mesmo tempo em que iniciavam a colheita das primeiras frutas precoces da temporada 2012/13 - apenas para mercado de mesa. Antes da colheita das precoces, no início de março, começou a ser verificada certa recuperação nos preços da pera destinada ao mercado *in natura*. Essa valorização foi reflexo da menor oferta da variedade e da entrada de boas frutas temporãs.



Pera valoriza em março

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera na roça - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore

Fonte: Cepea





Pouca prata no mercado garante bons preços ao produtor

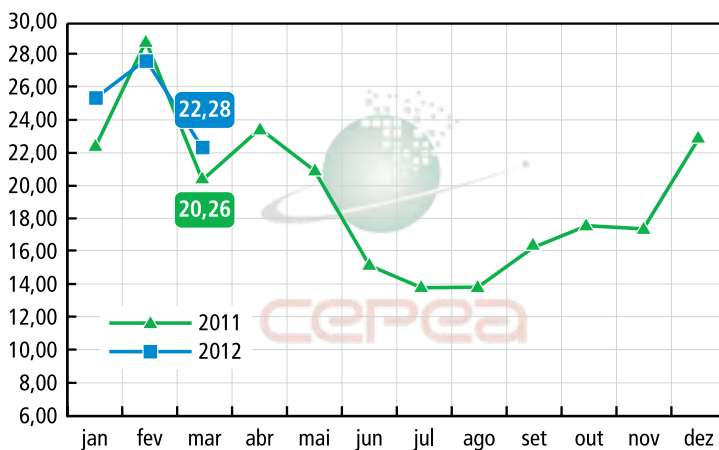
Cotações podem continuar firmes até mesmo em maio

A entressafra da banana prata teve início em novembro/11 no Norte de Minas Gerais e em Bom Jesus da Lapa (BA) e, desde então, produtores vêm conseguindo bons preços pela fruta. De novembro/11 a março/12, a caixa de 20 kg foi negociada a R\$ 23,47 no norte mineiro, 114% superior ao valor mínimo necessário para cobrir os gastos com a cultura, segundo estimativa de produtores consultados pelo Cepea. Em Bom Jesus da Lapa, a média de preços nesses cinco meses foi de R\$ 21,25/cx de 20 kg, 93% acima dos custos estimados. A oferta da variedade começará a aumentar a partir de maio em Bom Jesus da Lapa. Mesmo assim, há estimativas de que os preços continuem bons para os produtores. Isso porque, assim como no ano passado, o período de maior oferta no Norte de Minas Gerais não deve coincidir com o de Bom Jesus da Lapa. A oferta na praça mineira deve aumentar somente a partir de julho.



Exportações seguem em queda

As exportações de banana continuaram em queda neste início de ano. De acordo com os dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), entre janeiro e março, foram exportados 1,2 mil toneladas ao Mercosul, volume 94% menor que o do mesmo período de 2011. Para a União Europeia os embarques de banana também diminuíram: de



acordo com a Secex, ainda não houve exportações para o bloco econômico até março. O principal motivo foi a baixa oferta brasileira nas principais regiões produtoras, o que tem impulsionado as cotações da fruta no mercado interno a ponto de torná-lo mais atrativo que o externo. De acordo com agentes do setor, dois fatores são os principais responsáveis pela menor disponibilidade: o inverno rigoroso de 2011, que deslocou a distribuição da oferta, e as enchentes no Vale do Ribeira (SP), em agosto do ano passado. Não há estimativa de que o setor retome em 2012 o bom volume exportado nos últimos anos, uma vez que não deve haver pico de safra de nanica.

RN/CE tem clima atípico em março

Neste ano, o índice pluviométrico ficou abaixo do esperado no polo exportador do Rio Grande do Norte e Ceará. De 20 de dezembro a 20 de março (período do verão), a cidade de Ipanguaçu (RN) registrou 106,3 mm de chuva, 62% inferior ao volume do mesmo período de 2011, conforme os números da agência Tempo Agora. O mês de março tradicionalmente é bastante chuvoso no Nordeste. Algumas praças produtoras de banana já enfrentaram enchentes em anos anteriores, o que refletiu em transferência dos bananais para áreas de menor risco de inundação. Apesar de algumas áreas serem irrigadas, a produtividade neste ano pode ser menor por conta do menor abastecimento de água nos reservatórios.

Enchentes destroem algumas plantações no Equador

No início de fevereiro, cerca de 2 mil hectares de plantações de banana foram inundados no Equador, causando ligeira redução na oferta naquele país, segundo notícia veiculada pelo *Fresh Plaza*. Como as áreas prejudicadas têm pouca representatividade em relação ao total cultivado, as exportações equatorianas serão pouco afetadas. Eventuais aberturas de mercado decorrentes da diminuição da oferta desse país, no entanto, não devem ser aproveitadas pelo Brasil, que também terá uma safra menor.

Cotações da prata permanecem elevadas

Preços médios recebidos por produtores do norte de Minas Gerais pela prata-anã - R\$/cx de 20 kg



Fonte: Cepea





Granizo provoca quebra na safra 2011/12 de gala

Produção de gala é menor em 2012

Com o fim da colheita de maçã gala nas regiões produtoras do Sul, tem sido possível dimensionar o volume produzido nesta safra. O granizo que atingiu a região em fevereiro impactou mais do que o esperado. Assim, o total produzido de gala deve totalizar 670 mil toneladas, 10% inferior ao observado na safra passada, segundo estimativa da ABPM. O fato de haver mais frutas miúdas também influenciou na redução do volume. Porém, o volume de gala de mesa deve ser parecido ao da safra passada, com redução estimada de apenas 1,1%. De qualquer forma, continua a expectativa de que haverá mais fruta Cat 1 de boa qualidade. A finalização da colheita também indica que os preços no mercado doméstico podem ser impulsionados nos próximos meses. Além disso, a melhor qualidade nesta safra deve melhorar a rentabilidade de produtores, principalmente na comparação com 2011, visto que as maçãs de categorias superiores têm preços mais elevados. Quanto à fuji, estimativas mais concretas serão obtidas após o final da colheita.

Importações recuam e embarques iniciam em alta frente a 2011

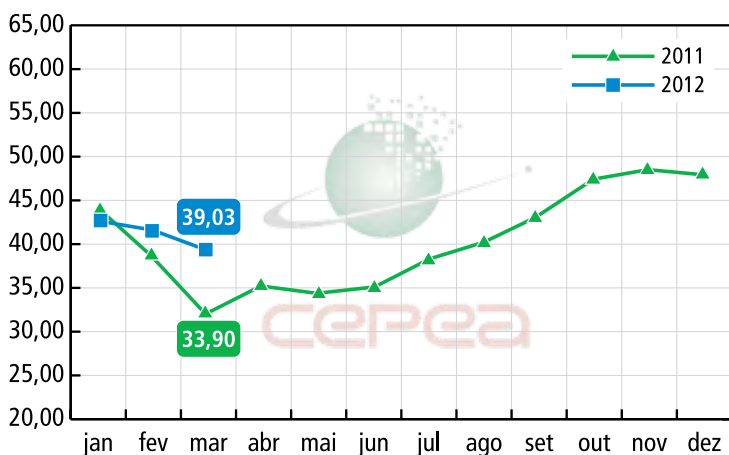
O volume de maçãs importadas pelo Brasil ainda estava baixo até março. Segundo dados da Secex, o País comprou 11,8 mil toneladas da fruta no primeiro trimestre de 2012, 20% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior. Este

é um dos fatores que podem explicar o alto preço da fruta importada no atacado de São Paulo nos primeiros meses do ano. Quanto às exportações brasileiras, iniciaram esta temporada em ritmo semelhante ao do ano passado, embora o estoque da fruta na Europa ainda esteja alto. Segundo a Secex, o Brasil exportou 24,5 mil toneladas de maçã entre fevereiro e março, volume 13% acima do mesmo período de 2011. A receita foi de US\$ 16,3 milhões nestes meses, praticamente estável na mesma comparação, demonstrando que, nesta temporada, a maçã brasileira tem preços pouco atrativos no mercado externo. Cerca de 3,6 mil toneladas dos embarques brasileiros teve como destino Bangladesh, país vizinho à Índia. Este é um ponto a ser destacado, visto que esse volume é 33% maior que o destinado àquele país no mesmo período de 2011.



Produção e embarques devem recuar no Hemisfério Sul

Assim como deve ocorrer no Brasil, a produção total de maçã de países do Hemisfério Sul – Austrália, Chile, Argentina, Nova Zelândia e África do Sul – deve diminuir na safra 2011/12. Segundo relatório divulgado em março pela Associação Mundial de Maçã e Pêra (Wapa, na sigla em inglês), a expectativa é de queda de 3% no total produzido em comparação com a safra anterior. O recuo mais expressivo deve ser registrado na Argentina: 17% frente a 2011, devido às chuvas de granizo que atingiram os pomares entre novembro/11 e fevereiro/12. Brasil e Nova Zelândia devem ter diminuição de 5% e 2%, respectivamente. Já o Chile, maior produtor entre os países do Hemisfério Sul, deve ter aumento de 2% na produção, totalizando 1,8 milhão de toneladas. A Austrália também deve aumentar sua produção, em torno de 13%. Já a África do Sul deve manter o volume. Desse modo, com menor quantidade de frutas produzidas e elevados estoques europeus, a exportação total do Hemisfério Sul também deve ter redução. Segundo o mesmo relatório da Wapa, a queda deve ser de 5%.



Maior oferta pressiona cotação em março

Preços médios de venda da maçã gala categoria 1 (calibres 80 -110) no atacado de São Paulo - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepepa



**CLASSIFICADORAS,
PESADORAS,
EMBALADORAS E
EMBALAGENS COM
ALTA QUALIDADE
AO SEU ALCANCE.**



A Zurs Equipamentos e Embalagens realiza projetos personalizados em classificadoras, pesadoras, embaladoras e embalagens para legumes, frutos e frutos sensíveis, conforme a sua necessidade. Solicite a visita de um de nossos representantes e descubra que seu negócio pode mais e merece o melhor.

Aumente sua produtividade com alta tecnologia e máxima qualidade, além de montagem e suporte especializado.

ZURS
Equipamentos e Embalagens

www.grupozurs.com.br
+55 16 3434 3800



NEWTEC



Maior oferta de formosa em maio; de havaí, só em agosto

Cotações se mantêm em alta

O mamão continuou valorizando em março em todas as regiões produtoras devido à baixa oferta, situação que persiste desde janeiro. A baixa disponibilidade tanto do havaí quanto do formosa reflete a falta de investimentos na cultura desde 2011. Isso porque as cotações estiveram em baixos patamares na maior parte do ano passado. Assim, não houve implantação nem renovação de área. Segundo agentes do setor, deve haver aumento de oferta do mamão havaí apenas a partir da segunda quinzena de agosto, quando devem entrar frutas de roças novas que foram implantadas no começo deste ano. Portanto, o preço do havaí deve seguir em alta até agosto. Já a oferta da variedade formosa pode aumentar em maio/junho devido à renovação de alguns pomares no final do ano passado, mas não é esperado excedente de frutas.

Aumenta incidência de doenças nos mamoeiros do País

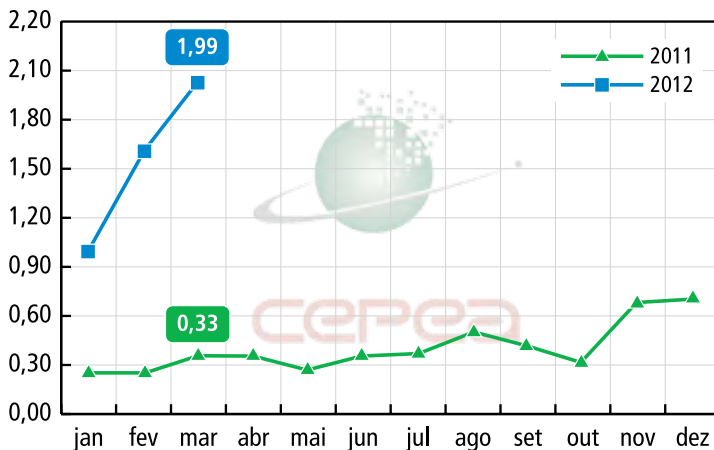
Em todas as regiões produtoras consultadas pelo Cepea, aumentou a incidência da pinta-preta nos primeiros meses deste ano. A pinta-preta causa manchas superficiais nas folhas e frutos. Mesmo o prejuízo não sendo tão sério quanto o de outras podridões, as lesões resultam em desvalorização comercial. Se não houver os devidos tratamentos culturais (pulverizações regulares), a doença pode se manifestar o ano inteiro, diminuindo a rentabi-

lidade do produtor. No Rio Grande do Norte houve, ainda, problemas com cochonilha. Esta praga tem rápida dispersão nas lavouras e pode ficar acoplada tanto no caule da planta quanto no fruto, retirando seus nutrientes. Além disso, sua secreção serve de substrato para o desenvolvimento de fungos saprófitas conhecidos como fumagina (que se alimentam de matérias em decomposição). Este fungo inviabiliza a comercialização do fruto tanto no mercado interno quanto no externo e, para combatê-lo, devem ser realizadas pulverizações regulares. A incidência de doenças já refletiu no aumento do valor mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. Em janeiro e fevereiro, o valor foi de R\$ 0,30/kg para o formosa, 6,7% acima do estimado no mesmo período do ano passado. Para a variedade havaí, o valor mínimo foi estimado em R\$ 0,44/kg, 4,5% superior na mesma comparação.



Previsão de chuva para abril pode reduzir a qualidade

Produtores de mamão do Rio Grande do Norte precisam ficar atentos ao volume de chuva que deve atingir as lavouras em abril, segundo previsão da agência Tempo Agora. O excesso de chuva neste período pode prejudicar o controle das doenças, principalmente das já incidentes, e resultar não só na redução na qualidade do fruto como em maior custo de produção. Nos meses de fevereiro e março, a chuva escassa, atípica para o período, foi benéfica à cultura, favorecendo a boa qualidade do mamão. De janeiro a março de 2012, choveu no Rio Grande do Norte 76,3% menos que no mesmo período do ano passado. Quanto à produtividade, esteve melhor nos últimos meses por conta do clima seco, mas pode voltar a se reduzir a partir de abril devido às possíveis chuvas e consequente alastramento de doenças. Porém, no geral, o rendimento médio das lavouras esperado para este ano não deve ser diferente do observado em 2011, com o havaí produzindo 82 t/ha e o formosa, 108 t/ha, na média de todas as regiões produtoras.



Preço do havaí bate novo recorde em março

Preços médios recebidos por produtores pelo mamão havaí tipo 12-18 - R\$/kg

Fonte: Cepea

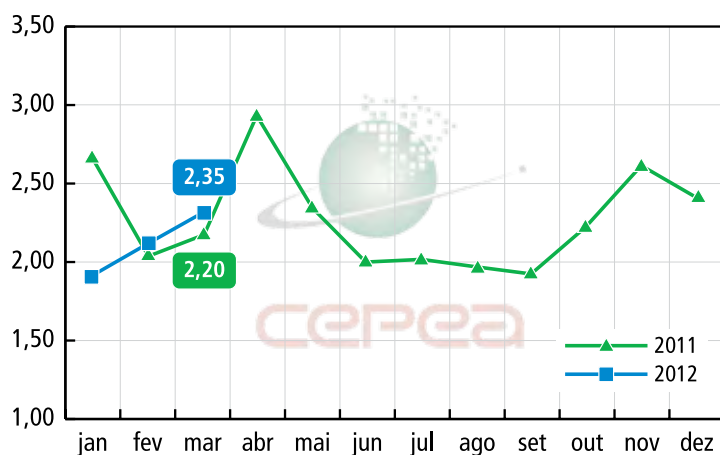




Sai São Paulo e entra Paraná no mercado

Temporada paulista chega ao fim...

A colheita de uvas finas se encerra no início de abril em São Miguel Arcanjo e Pilar do Sul (SP). A safra, que começou em janeiro, teve oferta mais escalonada neste ano. Assim, em fevereiro, quando tipicamente ocorre o pico de oferta, as vendas foram mais controladas e não houve quedas acentuadas de preços. Apesar disso, de janeiro a março, as cotações foram menores se comparadas às do mesmo período de 2011, devido ao aumento agregado da safra, que teve melhor produtividade. Na média dessas regiões paulistas, a Itália foi cotada a R\$ 2,09/kg de janeiro a março, 20% acima do valor mínimo estimado pelos produtores para cobrir os gastos com a cultura e 5% abaixo do preço do mesmo período de 2011. A produtividade média nos dois municípios foi de 26,6 t/ha. Quanto à variedade niagara (rústica) de São Miguel Arcanjo, a colheita também teve início em janeiro, mas a oferta diminuiu em meados de março. A niagara teve cotação média, de janeiro a março, de R\$ 2,06/kg, valor 32% acima do mínimo, mas 12% acima do verificado na safra/11. Neste ano, a produtividade e a qualidade foram maiores, devido ao clima seco e quente na região durante os três primeiros meses do ano. Na média, foram colhidas 22 t/ha, 28% a mais que na safra anterior. A colheita de niagara volta a se intensificar em abril e continua até maio, período chamado de “poda verde”.



Itália mais valorizada em março

Preços médios recebidos por produtores pela uva Itália - R\$/kg

Fonte: Cepepa

... e colheita paranaense se intensifica

A colheita de uvas finas de Marialva (PR) e no norte do Paraná começou no final de março e deve ser intensificada em abril. A temporada segue até julho, e a expectativa é de cenário positivo para os produtores. Caso o clima siga favorável ao desenvolvimento da fruta, a produtividade pode atingir de 18 a 20 t/ha, o que representaria aumento de 24% sobre a temporada do ano passado. Além disso, não é esperada concentração da oferta. Com relação à colheita de niagara em Rosário do Ivaí (PR), inicia-se neste mês de abril. Mas, devido ao clima muito seco na região durante as podas (janeiro e fevereiro), a produtividade deve ficar entre 10 e 12 t/ha, aproximadamente igual à temporada/11. Em Rosário do Ivaí, o pico de safra deve ocorrer entre maio e o final de junho.



Importações aumentam em março

As importações brasileiras de uvas frescas aumentaram 10% em março em relação ao mesmo mês de 2011, de acordo com a Secex. Entre janeiro e março, o Brasil importou 14,3 mil toneladas de uva, 1% menor que o início de 2011 por conta pela menor entrada de uva em janeiro e fevereiro. Deste total, 50% vieram da Argentina, 48% do Chile e o restante do Peru. O que pode voltar a desacelerar a entrada de uva importada é que a temporada de uva *thompson* do Chile deve terminar duas semanas mais cedo neste ano, de acordo com informações divulgadas pelo *Fresh Fruit Portal*. Isso devido ao verão muito seco e quente naquele país, que acelerou a maturação da fruta. Dessa forma, os embarques chilenos – que normalmente ocorrem até maio para os Estados Unidos – devem ser antecipados em cerca de 15 dias. Caso o Chile também encerre os embarques de *thompson* para o Brasil a partir de maio, a fruta do Paraná, que passou a abastecer o mercado em março, e do Vale do São Francisco, que deve ter sua oferta aumentada em abril, poderão ser beneficiadas.

SEÇÃO ELETRÔNICA UVA
Cadastre-se e receba preços semanais de uva.
www.cepepa.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade

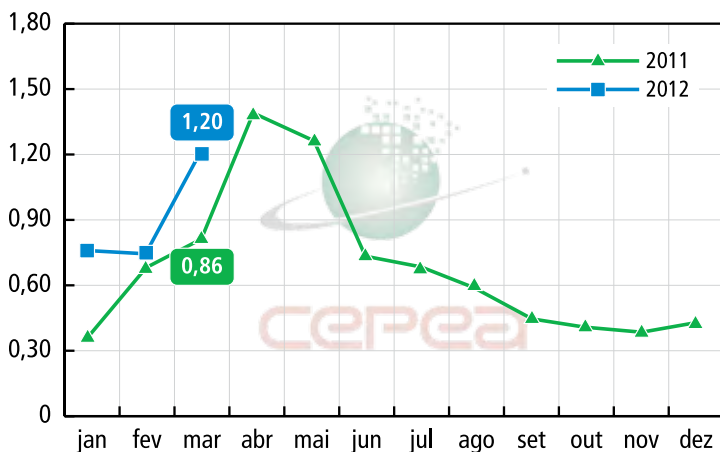


Menor oferta garante boa rentabilidade

Em abril, a oferta de manga deve seguir restrita na maioria das regiões produtoras brasileiras. Dessa forma, produtores do Vale do São Francisco e Norte de Minas Gerais, que conseguem colher a fruta neste período, podem ser beneficiados com bons preços, ainda que a oferta das duas regiões ocorra na mesma época (abril e maio). Com os preços relativamente altos no mercado interno, as exportações brasileiras de manga tendem a seguir reduzidas. Além disso, com a entrada de frutas de época no bloco europeu, como pêsego e nectarina, a demanda pela manga brasileira pode ser prejudicada nos próximos meses. A expectativa é de que o ritmo dos embarques seja intensificado entre julho e agosto, quando a oferta no Vale aumenta e os EUA também passam a adquirir a fruta nacional.

Mesmo com bons preços, área segue estável no Norte de MG

A colheita da manga *tommy* começou em janeiro em Jaíba/Janaúba (MG) e, até o final de março, estava praticamente finalizada. Já a oferta de *palmer* começou a aumentar no mês passado. Produtores mineiros consideraram satisfatória a safra de 2011 e estão com boas expectativas quanto ao preço nos próximos meses. Porém, mesmo com as perspectivas positivas, a área com manga no Norte de Minas Gerais deve seguir estável. As apostas iniciais eram de investimento na cultura; no entanto, produtores



Preço continua subindo com oferta restrita no Nordeste

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg



Cotação da manga paulista reage apenas no final da safra

A baixa disponibilidade de manga em Monte Alto/Taquaritinga (SP) impulsionou as cotações em março, período de fim de safra. Até então, a temporada vinha sendo marcada por preços baixos. De dezembro/11 a fevereiro/12, período de maior oferta de *palmer*, a média da variedade na roça foi de R\$ 0,42/kg, 31% acima do valor mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. O principal motivo para os preços reduzidos em São Paulo foi a baixa qualidade – as chuvas abundantes em janeiro resultaram na incidência de antracnose. Assim, até mesmo alguns atacistas de São Paulo preferiram comprar a manga nordestina em vez da paulista, apesar dos preços mais elevados no Vale. Apenas a manga *palmer* da segunda florada teve melhor qualidade. Quanto às processadoras paulistas, as compras foram encerradas em fevereiro.

Ventos fortes prejudicam exportações do México

Os envios de manga mexicana aos Estados Unidos iniciaram em fevereiro e devem ser finalizados em outubro deste ano. A principal variedade exportada é a *tommy atkins* e, em segundo lugar, a *ataulfo*. As exportações do México podem ser reduzidas no curto prazo, visto que, em fevereiro, fortes ventos atingiram aproximadamente 18 mil hectares de manga, localizados na principal área produtora da fruta destinada ao mercado externo. Para esta safra, o florescimento foi abundante na região, e novas áreas entraram em produção, de modo que, em alguns meses, o volume colhido poderá se aproximar do considerado normal. Mas, ainda sim, os envios do México podem ser menores que o previsto anteriormente, o que pode favorecer os embarques brasileiros entre agosto e outubro.



Fonte: Cepea



**Não importa se
é broca-pequena
ou traça. Controlar
lagartas ficou
fácil com Belt.**



BELT



Belt, no controle das lagartas.

Não perca tempo identificando lagartas. Belt é o inseticida que apresenta excelente desempenho contra lagartas de difícil controle e seletividade aos inimigos naturais. Além disso, Belt possui novo modo de ação e ingrediente ativo indicado para o Manejo Integrado de Pragas (MIP). Seja na cultura de tomate, algodão, soja ou milho, lagarta é lagarta e precisa ser controlada.

Belt. Controlar lagartas ficou fácil.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENÇA SOB RECEITÁRIO
AGRONÔMICO



Converse Bayer
0800 011 5560



Bayer CropScience
Se é Bayer, é bom.

Dow AgroSciences



TRADICIONALMENTE INOVADOR

O único com Tecnologia NT



Dithane* NT é o fungicida que acompanha a velocidade das mudanças!

- Tradicionalmente inovador é usado por gerações no controle preventivo de diversas doenças da cultura da **Batata, Maçã, Tomate e Uva.**
- **Dithane* NT** tem maior aderência - resiste à lavagem pelas águas da chuva.
- **Dithane* NT** é proteção também para mais de 30 culturas.

Em Comunicação

1 - 11 - Marcas Registradas do Dow AgroSciences

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e recorta. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO, VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRICOLA.



www.dowagro.com/br | 0800 772 2492

 **Dow AgroSciences**
HORTIFRUTI



Abóbora híbrida japonesa

TAKAYAMA F1

A mais cultivada em todo o Brasil.

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

PARA USO DOS CORREIOS

- | | |
|--|--|
| 1 <input type="checkbox"/> Mudou-se | 2 <input type="checkbox"/> Falecido |
| 3 <input type="checkbox"/> Desconhecido | 4 <input type="checkbox"/> Ausente |
| 5 <input type="checkbox"/> Recusado | 6 <input type="checkbox"/> Não procurado |
| 7 <input type="checkbox"/> Endereço incompleto | 8 <input type="checkbox"/> Não existe o número |
| 9 <input type="checkbox"/> _____ | 10 <input type="checkbox"/> CEP incorreto |

Reintegrado ao Serviço Postal em ____/____/____

Em ____/____/____ Responsável _____

Impresso
Especial
FEALQ
CORREIOS

9912227297-2009 - DR/SPI



Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829
e-mail: hfrbrasil@esalq.usp.br

IMPRESSO



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Abóbora híbrida japonesa

TAKAYAMA F1

- Alta produtividade
- Maior espessura de polpa
- Frutos grandes
- Resistência: Foc

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

www.AGRISTAR.com.br
Tel.: 24 2222-9000

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429 - 8808 Fax: 19 3429 - 8829
E-mail: hfbrazil@esalq.usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrazil